

ISABELA BOSI

BAR DO AMIGO

CASA DE LIBERDADES

Universidade Federal do Ceará
Instituto de Cultura e Arte
Curso de Jornalismo

Bar do Anísio – casa de liberdades

Autora: Isabela Magalhães Bosi
Orientador: José Ronaldo Aguiar Salgado

Projeto Experimental II – Produção jornalística apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Banca examinadora:
José Ronaldo Aguiar Salgado
Agostinho Gossom
Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho

À dona Augusta, a Cláudio Pereira, a Augusto Pontes
e, especialmente, a Anísio.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Nota da Autora

Primeiro Capítulo – 23

Segundo Capítulo – 53

Terceiro Capítulo – 103

Último Capítulo (Anísio) – 137

O sabor dos encontros

Onde estão hoje

Referências Bibliográficas

AGRADECIMENTOS

Emocionei-me algumas vezes só em imaginar como seria esta parte de agradecimentos. O sentimento de gratidão, ao terminar este livro, é amplo e se estende a tantas pessoas e situações que toda e qualquer palavra parece insuficiente. Mas nada que me impeça de tentar transmitir o que sinto.

Aqui, no topo da página, agradeço à minha família – base de tudo o que sou e, consequentemente, deste trabalho. À minha mãe, Malu, por todo o amor e conhecimento que me transmitiu ao longo da vida. Você está presente em cada palavra que escrevo. Ao meu pai, Tony, uma das pessoas mais doces que conheço, agradeço pela presença e inspiração constantes. A minha “rimã” e grande amor, Maíra, por ter compartilhado as angústias deste processo criativo-jornalístico e pelo companheirismo de sempre. Aos meus pequenos, Raian e Léo, que talvez não tenham consciência da enorme contribuição que deram à criação deste livro, ao tornarem meus dias mais leves e alegres. Amo imensamente todos vocês. Obrigada por tudo.

Agradeço aos meus primos-irmãos que, mesmo distantes, estão comigo em cada momento. A minhas avós, modelos de força e dedicação, pelo carinho e pela presença, ainda que à distância. A meus avôs, que já não estão aqui para ler estas páginas, mas vivem em mim e, por isso, também fazem parte deste livro. O meu “muito obrigada” se estende a meus tios e tias que fazem parte da minha memória afetiva e de quem tanto quero bem.

Ao mestre Ronaldo Salgado, por ter sido um dos melhores professores que tive na universidade e (sorte minha) ter orientado cada etapa da construção deste livro. Sua sensibilidade, compreensão e competência me emocionam e me inspiram. Aos mestres Agostinho Gósson e Gilmar de Carvalho, pela ajuda, pelo estímulo e pela inspiração neste processo criativo. É uma honra tê-los na minha banca. Muito obrigada! Ao coordenador querido Riverson Lebon, pessoa de extraordinária delicadeza e atenção. Tenho muito orgulho de tê-lo conhecido.

À Nísia e à Graça, por terem aberto as portas de casa (mais de uma vez) para mim e pela confiança em me contarem a história da família – e em me deixarem recontá-la aqui. Meu mais sincero obrigada.

Fausto, Flávio, Annuzia, Maria Zélia, Delberg, Diogo, Ednardo, Floriano, Guto, Isabel, Pedro Álvares (Pedrão), Roberto, Rodger, Brandão, Olga, Martine, Ângela, Sérgio e Alano vocês são maravilhosos! Obrigada por terem compartilhado comigo um pouco das memórias e emoções de vocês de forma tão bonita e sincera. Obrigada por terem me recebido em suas casas e escritórios; pelas longas conversas por telefone, skype ou e-mail; por terem me emprestado fotos... Não teria feito este trabalho sem a ajuda de vocês.

À Raisa Christina, pela delicadeza em traduzir meus sentimentos de forma tão bela nas ilustrações contidas neste livro. A Yuri Leonardo, pela parceria e pelo talento impresso em cada uma destas páginas. A Bruno Rafael, pela presença e pelo inventivo durante todo o processo criativo deste trabalho.

Agradeço aos amigos e companheiros de faculdade, que me apoiam neste (e em outros) projeto(s) e me estimulam a seguir em frente, em especial a Caroline Cavalcante, Liana Dodt, George Pedrosa, Cinara Sá, Cris Cysne e Juliana Diógenes. Aos amigos da vida: Louise Martin, Lívia Lucena, Larissa Aragão, Larissa Holanda, Pedro Guedes, Alexandre Sales, Camilla Castro e Nani Puigserver. Levo vocês comigo aonde quer que eu vá.

NOTA DA AUTORA

O BAR DO ANÍSIO CHEGOU ATÉ MIM COMO UM SOPRO. Talvez nem o tivesse notado, não fosse esse meu interesse pela memória esquecida das cidades. Chegou até mim, através do artigo “Pessoal do Ceará” (publicado no site Brasileirinho, em 2005) do sociólogo Pedro Rogério, na frase: “Outro importante ponto de encontro era o Bar do Anísio, que se situava na Av. Beira Mar, até hoje muito lembrado e citado pelos integrantes do movimento artístico aqui em questão”.

Parei em “Bar do Anísio”. Li e reli o artigo em busca de maiores informações, mas era apenas aquilo, uma citação e nada mais. Que bar era esse? Como eu nunca tinha escutado falar de um lugar tão perto da minha casa que foi point de geração tão recente? Onde ficava e o que teria acontecido com esse local? Essas e outras perguntas ficaram na minha cabeça tempo suficiente para eu perceber que seria este o tema do meu livro-reportagem: o Bar do Anísio.

A princípio, a ideia era escrever sobre um bar perdido no tempo. Mas eu não imaginava que, para falar de um bar, teria de mergulhar fundo em histórias de indivíduos e em memórias de uma cidade, de uma avenida à beira-mar. Uma Beira-Mar que já não existe, que ficou submersa numa avenida pesada de prédios imponentes e carros apressados.

Falar do bar acabou se tornando uma desculpa para descobrir uma Fortaleza nem tão antiga assim, mas já tão esquecida. Como se o desejo maior fosse o de resgatar um pouco da cidade por meio da história de um lugar. Acabo, por acaso, falando da Fortaleza num tempo e lugar específicos. Falo, também por acaso, de uma característica intrínseca à capital: a mudança constante do espaço, uma eterna insatisfação com o meio que faz com que tudo mude – mesmo que depois volte ou queira voltar ao que era. Uma roda gigante maluca.

Mas, acima de tudo,uento um pouco da história de uma juventude transgressora, boêmia, sonhadora, artística, intelectual, de esquerda e cheia de vontades. Falar do Bar do Anísio é falar dos estudantes de Arquitetura, Física, Química, Ciências Sociais, Medicina, entre outros,

liderados por dois gurus: Augusto Pontes e Cláudio Pereira. Também não pude evitar falar de lembranças amargas, de um período em que militares assumiram o poder de forma autoritária.

Para isso, tive de entrevistar pessoas que viveram aquele período dos anos 1960 a 1980, pessoas que conheciam não só o bar, mas também o dono dele. Anísio fazia as vezes de garçom, cozinheiro, cobrador, jogador de cartas e, principalmente, pai. Além dos cinco filhos biológicos, assumiu a paternidade de um sem número de jovens que iam diariamente ao bar, o qual também era a casa de Anísio, em busca de um espaço acolhedor e libertário.

Comecei entrevistando Fausto Nilo, que me indicou mais 10 pessoas. Em seguida, encontrei-me com Flávio Torres, que me sugeriu entrevistar mais não sei quantas pessoas. Na quinta entrevista, havia mais de 30 frequentadores do bar no papel. Como eu faria? Inicialmente, pensei que conseguiria falar com todos, mesmo que por e-mail, telefone ou qualquer outro meio. Mas, enquanto isso, a lista só aumentava...

Até que Guto Benevides me disse: “Não consigo pensar em uma pessoa que não tenha ido ao Bar do Anísio”. Nessa hora, concluí que minha meta era quase impossível. Talvez até conseguisse entrevistar todos os frequentadores (vivos) do bar. Mas isso, sem dúvida, demoraria alguns anos. E, honestamente, não creio que mudaria tanta coisa.

Parei na 20a entrevista ao perceber que poderia falar com 200 pessoas – mas a essência do Bar do Anísio e daquela geração eu já havia captado. Mais entrevistas com certeza me trariam mais histórias, lembranças e curiosidades. Entretanto, a memória de 20 pessoas de origens e vidas distintas, as quais, porém, compartilharam um mesmo momento da cidade, foi o suficiente para que eu compreendesse o primordial: a essência do bar.

Durante essas conversas, sentei-me à mesa mais próxima da calçada, pedi uma cerveja gelada e uma biquara frita ao garçom Chiquinho. Bati um papo com Augusto Pontes, que se irritou quando a mesa co-

meçou a crescer. Cantei algumas músicas com Fausto Nilo ao violão. Depois, joguei cartas com Anísio e dona Augusta. Dei boas gargalhadas com as palhaçadas de Cláudio Pereira. Por fim, embriaguei-me com Annuzia e Maria Zélia e fui parar na rede do quintal.

Nas próximas páginas, o leitor entrará em contato com essas (e outras) pessoas. Foi por meio delas que descobri o Bar do Anísio e o próprio Anísio. Foram elas que me contaram histórias de uma época que não vivi. Posso imaginá-la e até senti-la pulsar em mim, mas jamais saberei como era a Avenida Beira-Mar sem todos os edifícios enormes ou como era encontrar os amigos sem precisar combinar local e horário, pois todos já estariam lá, no bar.

Para escrever este livro, confiei nas lembranças dessas pessoas. A memória foi minha principal fonte, apesar de saber que ela é subjetiva e tendenciosa às vezes. Mas é ali, na lembrança de cada um, que o bar ainda vive. Como jornalista, sei que não há verdade absoluta ou imparcialidade total. Isso já me serve de consolo. Mas, também como jornalista, tentei comprovar ao máximo as informações que me chegavam, a partir de buscas em periódicos, livros e arquivos que remetessem à época (1960-1985).

Não pretendo me estender nesta nota, que, como o próprio nome diz, é apenas uma breve exposição do livro que o leitor carrega em mãos. Peço apenas que se sinta à vontade para adentrar no bar onde me embriaguei durante um ano e meio.

— Garçom, traz mais um copo!

*Isabela Bosi
Fortaleza, Ceará
Novembro de 2012*

Eu reconheço pela praia. Se eu for andando pela praia, eu sou capaz de saber: o Anísio era ali. Mas, se eu for olhando pelos prédios, eu não sei.

Fausto Nilo

Eu vejo aquele pé de oiti e é a minha referência. Lembro-me muito bem de que a gente sentava no Anísio e o pé de oiti estava um pouco à esquerda. Pé de oiti grande que ainda está lá.

Flávio Torres

É exatamente... Hoje, tem o Edifício Trapiche no lugar onde era o Restaurante Trapiche. Se você estiver olhando para o mar, ele ficava logo à esquerda desse prédio.

Guto Benevides

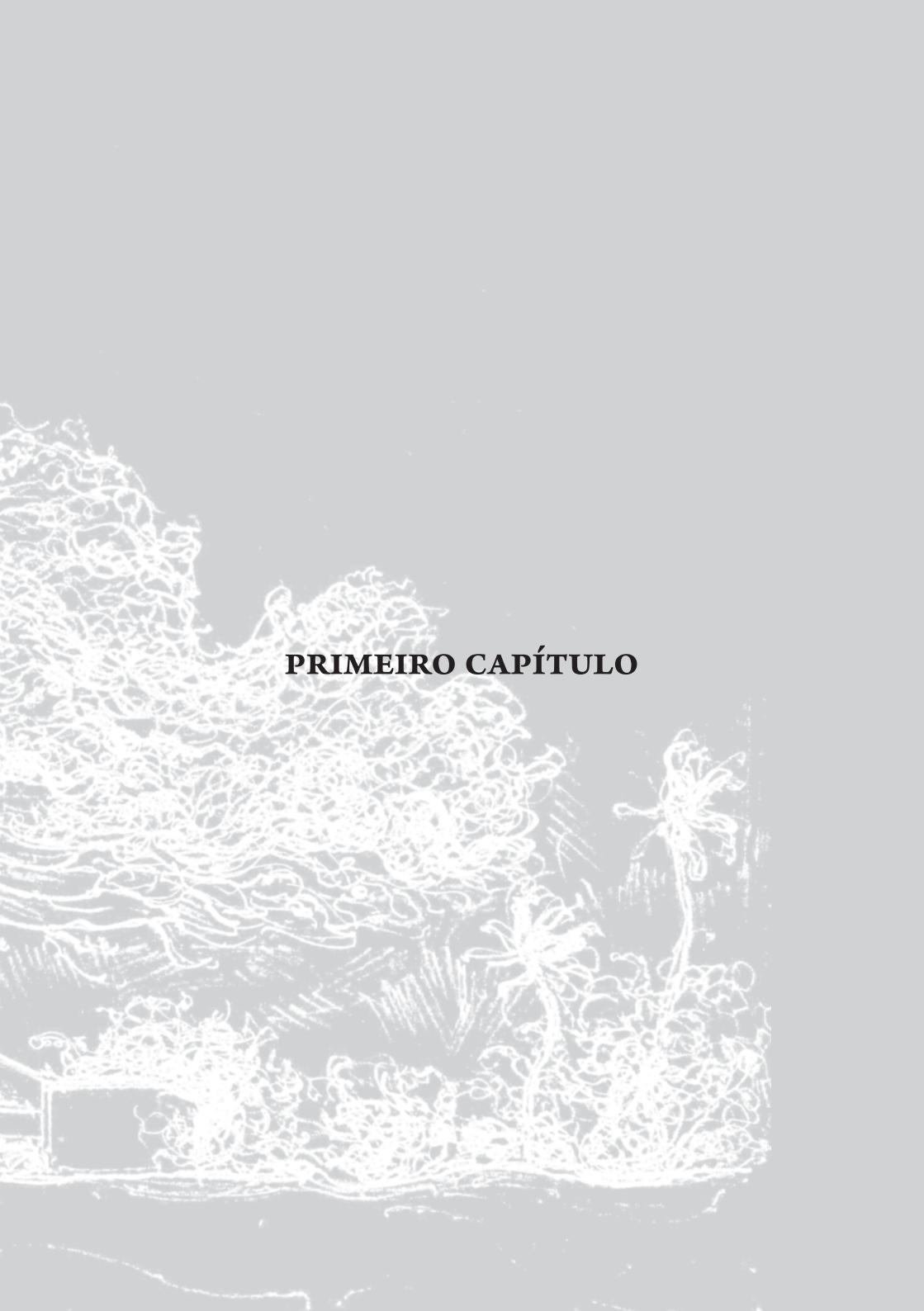
No estacionamento do Edifício Scala. A entrada do estacionamento era a entrada da casa. É tanto que tem uma árvore na frente que é a história da gente.

Nísia Muniz, filha de Anísio

Sabe onde tem o Scala? Era por ali. Tem um transformador grande da Coelce. Era ali colado na casa dele.

Rodger Rogério





PRIMEIRO CAPÍTULO

ERA O ANO DE 1958. A cidade de Fortaleza começava a deixar antigos costumes para tornar-se grande, ampliando as fronteiras do Centro em direção ao mar. O Porto do Mucuripe comemorava o quinto aniversário da atracação do navio Vapor Bahia – a primeira de muitas. O Iate Clube completava quatro anos de vida e festas. Iniciava-se um período de movimentação na Beira-Mar. A região, antes vista com preconceito, povoada por pescadores e prostitutas, passou a ser visitada pela alta sociedade, que se hospedava em pequenas casinhas na areia durante as férias.

Foi nessa Beira-Mar em construção, mistura de casas de veraneio e jangadas, que a família Muniz escolheu morar. No final da década de 1950, Anísio Muniz de Souza e a esposa, Maria Augusta Pessoa Muniz (dona Augusta), tinham quatro filhos. Nísia, caçula na época, tinha apenas dois anos e uma recente coqueluche. Para que a menina ficasse boa logo, a prescrição do médico foi categórica: pelo menos um banho de mar ao dia. Anísio passou a visitar diariamente o irmão Cristovão, que morava na Beira-Mar havia algum tempo, como desculpa para acelerar a cura da filha.

As idas, porém, tornaram-se cansativas. Sair do bairro Parque Araxá para ir à praia era quase uma viagem diária. Anísio ainda trabalhava como ascensorista do Edifício Diogo, o que tornava a viagem mais longa: da casa no Parque Araxá à Beira-Mar, da Beira-Mar ao Centro, do Centro à casa novamente. Todo o percurso sem carro. Mas Nísia melhorava aos pouquinhos e deixar de levá-la para banhar-se no mar não era alternativa. Os pais decidiram, então, mudar-se para uma casa próxima à de Cristovão e morar na beira da praia.

Em pouco tempo, a coqueluche deixou o corpo de Nísia, e a vida no novo bairro tornou-se prazerosa para a família. O mar perto de casa, a maresia entrando sem pedir licença, vizinhos que se convertiam em amigos. Entre eles, donos daquelas casas de veraneio. Homens que durante a semana também frequentavam o Edifício Diogo a negócios.

– Bom dia, *seu* Anísio. Vou pro terceiro andar. O senhor está mo-

rando na Beira-Mar agora, né? Eu costumo passar as férias lá, com minha família! O que faz falta é um lugarzinho bom para comer por ali, viu? A sua esposa cozinha bem, não é? Já ouvi maravilhas da comida dela! Por que vocês não começam a vender uns salgadinhos por ali? Garanto que eu e muitos amigos iríamos! Vou ficando por aqui, Anísio. Bom dia!

Dona Augusta, que adorava cozinar e o fazia com maestria, gostou da ideia. A venda de alguns pratos certamente ajudaria na renda familiar. Começou fazendo croquete. A cabeça de lagosta, dispensada pelos pescadores que só aproveitavam a cauda, servia maravilhosamente para rechear o salgadinho feito com esmero por Augusta. Tapioca, café e água de coco também compunham o cardápio da cozinheira. Os amigos do Edifício Diogo passaram a visitar o Anísio. Sentavam-se na varanda da casa e deliciavam-se com os quitutes de dona Augusta.

Um dia, entre uma mordida e outra na tapioca com manteiga, o amigo Valdir Peixoto pediu: “Anísio, bota uma cervejinha quando a gente vier aqui”. O pedido era pertinente. O movimento estava crescendo e gerando até certo lucro para a família, que agora contava com uma nova integrante: Maria da Graça, a caçula. Vender cerveja com certeza atrairia mais clientela ao local. Havia apenas um empecilho: a família não tinha uma geladeira apropriada para colocar a bebida.

– Não tem problema! Eu compro a geladeira e trago os amigos. – disse Valdir.

Em 1961, junto com a pequena Graça, nascia o bar e restaurante “O Anísio – Peixada” – popularmente conhecido como Bar do Anísio. Algumas mesas de madeira na varanda da casa, com chão de tijolo vermelho. Era ali que os amigos se reuniam para conversar, comer e agora beber uma cervejinha gelada, com vista privilegiada para o mar.

O início dos anos 1960 foi também o início da gestão de Parsifal Barroso. Durante o mandato do governador do Ceará (1960-1963), o arquiteto Hélio Modesto foi contratado para elaborar o Plano Diretor de Fortaleza. Nele, estava prevista a construção de um sistema

viário que conectaria as diversas regiões da cidade. O projeto não teve continuidade, a não ser pela pavimentação da Avenida Beira-Mar. Responsável por ligar a região do Mucuripe à Barra do Ceará, a via foi construída com investimentos dos setores público e privado.

Assim, iniciava-se a urbanização da Beira-Mar, que mudaria por completo a paisagem e a história da cidade. O imenso areal, cheio de casinhas de taipa, foi ocupado por máquinas e trabalhadores. A obra, feita em etapas, durou cerca de cinco anos. A avenida foi inaugurada em 1965, convidando os fortalezenses a colorirem a beira da praia com seus fuscas.

*

Com 11 anos, o menino veio para Fortaleza. As oportunidades de estudo e emprego na capital eram, sem dúvida, mais promissoras do que na cidade interiorana de Quixeramobim, a 201 quilômetros de Fortaleza. Em 1955, ao chegar ao litoral, Fausto Nilo foi marcado pelo cenário da antiga Beira-Mar:

Posso te descrever de maneira muito similar às fotografias do Chico Albuquerque¹ e do filme do Orson Welles². O que eu conheci em 1955, dez anos depois da vinda de Welles, era rigorosamente igual às imagens gravadas por ele. O coqueiral, as jangadas, era uma coisa muito bonita, muito bonita mesmo!

Fausto entrou para o Colégio Estadual Liceu do Ceará – o melhor da época – em 1957. O Liceu era o principal foco dos meninos “mais antenados da cidade”. Antes de começarem as aulas, no dia da matrícula,

1. Fotógrafo fortalezense nascido em 1917. Em 1942, participou do documentário *É Tudo Verdade*, de Orson Welles, gravado na praia do Mucuripe.

2. Cineasta americano que, em 1942, aportou no Brasil para gravar o documentário *É Tudo Verdade*. Metade no Rio de Janeiro, mostrando o carnaval; outra metade em Fortaleza, contando a história de quatro jangadeiros cearenses.

cula, Fausto conheceu Cláudio Pereira, de quem rapidamente se tornou amigo.

O Cláudio era da mesma turma que eu do Liceu. O cunhado dele era intelectual de esquerda. Então, através do Cláudio, eu tive acesso à literatura. Sartre, Marx, literatura francesa, Simone de Beauvoir. Essas coisas aí. Não entendia muito bem, mas a gente era metido. (Fausto)

O acesso à informação, porém, era bastante limitado. Enquanto revistas como Senhor³ eram produzidas e publicadas no Sudeste do País, os jovens cearenses mal sabiam da existência dessa publicação. Fausto conhecia apenas uma banca que vendia cerca de 15 exemplares, no centro da cidade. Um dia o vendedor perguntou: “Por que você compra essa revista? Só pessoas mais velhas a compram aqui.” A verdade é que Fausto e os amigos eram “velhos” no gosto. Não se interessavam apenas por música e futebol, como a maioria dos meninos, mas por política e literatura, teatro e cinema.

Entre as escassas programações culturais na cidade, uma que atraía os jovens eram os programas de auditório nas rádios locais. Duas vezes na semana, Fausto sentava-se na plateia da rádio PRE-9 para assistir a dois programas: o *Noturno Pajeú*, comandado por João Ramos nas terças-feiras à noite; e o *Divertimentos em Sequência*, apresentado por Augusto Borges nos domingos à tarde.

Nesses auditórios, havia uma presença notável. Um jovem rapaz muito bem vestido com um penteado à la James Dean, o ídolo do cinema dos anos 1950. Chamava-se Augusto Pontes. Famoso nos programas de rádio pela frequência assídua e, principalmente, por acertar todas as perguntas de conhecimentos gerais feitas pelo apresentador.

3. A revista *Senhor* foi publicada de 1959 a 1964. Ficou conhecida por ser referência em cultura (com ênfase na literatura) e design gráfico.

Eu era louco pra ser amigo dele, porque o achava diferente. Ele estava nos programas de auditório, estava sempre em peças de teatro, estava nos acontecimentos artísticos, que eram mínimos na cidade, e estava na Praça do Ferreira discutindo política também. Esse homem pra mim era o máximo! (Fausto)

Fausto frequentava os mesmo locais que Augusto – escassos pontos de encontro culturais. Mas não conversavam, nem mesmo sabiam o nome um do outro. A diferença de idade entre eles (Augusto era nove anos mais velho) e a timidez de Fausto o deixavam inseguro para puxar conversa.

Discussões políticas na Praça do Ferreira, programas de auditório, cineclubes no antigo Cine Diogo (fundado em 1940 e extinto em 1997), peças teatrais, apresentações de música... Tudo isso marcou a adolescência desses jovens e os últimos suspiros antes do golpe militar de 1964. Nesse ano, o marechal Humberto de Alencar Castello Branco assumiu a Presidência do Brasil, dando início ao período conhecido como “anos de chumbo”.

Pouco tempo após o golpe, em 1965, Fausto Nilo entrou para a Faculdade de Arquitetura. Era a primeira turma do curso na Universidade Federal do Ceará (UFC). Ali, sim, Fausto tornou-se amigo de Augusto Pontes, que não era aluno, mas frequentava os ambientes universitários como se o fosse.

Um amigo meu da Faculdade de Medicina me disse: “Fausto, conhece esse cara?”. Eu disse: “Rapaz, eu sou louco pra conhecer ele!”. Aí o Augusto sentou na nossa mesa, me fez uma arguição que ele fazia com todo mundo antes de conhecer. Perguntou o que eu achava da arte e da vida social. Eu não sabia nada disso. Eu era muito jovem. Mas ele ficou meu amigo. (Fausto)

A partir desse encontro tão esperado e também inusitado, a dupla passou a se reunir nos mais diversos espaços universitários e boêmios. Ao lado de Rodger Rogério e Flávio Torres (estudantes do Instituto

de Física da UFC), eles se encontravam no diretório acadêmico do curso de arquitetura para ouvir música, fazer saraus e discutir política. Ali, passavam madrugadas inteiras bebendo e conversando. Assim, outros jovens com interesses culturais, políticos e éticos foram se juntando ao grupo:

(Antônio Carlos) Belchior, que era meu colega do Liceu, tinha saído para ser frade e eu nunca mais tinha ouvido falar. Quando foi em 1967, ele apareceu na minha faculdade tocando violão e compondo. (risos) Eu nunca imaginei aquilo! (Fausto)

Outro que se uniu à patota foi o poeta Brandão. Aluno da terceira turma de arquitetura da UFC, Antonio José Soares Brandão era visto como “um garoto” por ser mais novo que a maioria do pessoal do diretório – entrou na faculdade depois de Fausto, com apenas 17 anos.

Um dia, Brandão aparece no Diretório Acadêmico, numa dessas reuniões corriqueiras de literatura e música, tirando do bolso um papel amassado. “Quando ele leu a poesia, ele assustou a gente. Ficou todo mundo ‘chapado’. Aí ele entrou com a gente pra farra”, lembra Fausto.

As noites eram assim, momentos de trocas e descobertas artísticas. A programação era diversa. Após o jantar no Restaurante Universitário, a turma ia para o Conservatório Alberto Nepomuceno. Lá, havia um piano que o jovem Petrúcio Maia aproveitava para tocar. Fausto e Rodger ficavam com o violão. Os outros se arriscavam no canto ou apenas observavam.

O Teatro Universitário também estava no roteiro, onde o Grupo Cactus costumava ensaiar. O grupo, idealizado por Cláudio Pereira, contava com a participação de jovens artistas, como Petrúcio Maia, Olga Paiva e Antonio Carlos Coelho. Inicialmente, dedicavam-se apenas à música. Depois, incorporaram também as artes cênicas.

Após passarem pelo teatro, iam a pé até os bares Pega-Pinto do Mundico ou Balão Vermelho, ambos no Centro. Era de praxe bater

o ponto em um dos dois. Entre um copo e outro de cerveja, o encontro se estendia e, normalmente, entrava madrugada adentro. A noite acabaria pelo Centro, não fossem os amigos motorizados que passavam de carro para buscar a turma e levá-la à Beira-Mar recém-pavimentada.

A avenida começava a atrair os jovens, que agora estavam tirando carteira de motorista e ganhando outras áreas da cidade. Existiam poucos bares e restaurantes na Beira-Mar, todos no início da carreira, como o Hong Kong – estabelecimento de comida chinesa que permanece até hoje na avenida. Depois chegariam outros, como a peixada O Alfredo, o Copacabana (que passava a noite inteira aberto) e o Sereia (peixada do Deó).

No entanto, em meados de 1960, quando os estudantes começaram a frequentar a Beira-Mar, as opções ainda eram escassas e o ambiente tranquilo. Nada de barulhos de trânsito ou movimentações excessivas. Apenas o som dos violões misturado com a brisa da praia, que os invadia.

*

No início, o Bar do Anísio era frequentado prioritariamente por médicos, advogados, aposentados que tinham casa de veraneio e, por frequentar o Edifício Diogo, criaram uma relação de amizade com Anísio. Mas, após o calçamento da Avenida Beira-Mar e a consequente retirada dessas casas, esses clientes passaram a ir menos à praia e também ao bar. Ao mesmo tempo, os estudantes universitários começavam a descobrir esse ambiente, criando um novo cenário no Bar do Anísio.

A iniciativa partiu de Flávio Torres, que já conhecia o ascensorista do Edifício Diogo desde a infância. O pai de Flávio alugava uma casa de veraneio próxima a de Anísio e lá passava as férias com a família. Flávio aprendeu a pescar com Anísio, com quem manteve uma rela-

ção afetiva até a idade adulta.

Flávio era um dos poucos estudantes da turma que tinham carro. Quando soube que Anísio estava montando um bar na varanda de casa, não pensou duas vezes: passou para buscar Rodger, Fausto e Augusto no Pega-Pinto do Mundico e levou-os ao bar.

A Beira-Mar ainda era pouco movimentada. Para a turma, que gostava de tocar violão e conversar, era o lugar ideal para passar as noites. “O Anísio pra nós era uma solução, porque a gente podia cantar até de manhã sem ninguém encher o saco”, recorda-se Fausto. Ir ao Anísio tornou-se atividade corriqueira. Pelo menos uma vez ao dia, os amigos se reuniam no bar para tomar uma cervejinha e tocar violão.

Todo fim de tarde, a gente passava no Anísio. Tomava uma ali, conversava. Às vezes, um não podia ficar, porque tinha alguma coisa pra fazer, aí ia embora. Toma um copinho de cerveja, encontrava alguém. Era um lugar de encontro. (Flávio)

Nessa época, a ditadura militar deixava de engatinhar para dar os primeiros passos. O governo do marechal Castello Branco havia colocado os movimentos estudantis e a União Nacional dos Estudantes (UNE) na ilegalidade – ambos vistos como ameaça ao regime militar. A ditadura também começava a modificar o plano econômico do País. Buscando combater a alta inflação, iniciou-se um período de abertura econômica para que empresas estrangeiras reaquecessem o setor produtivo brasileiro. Além disso, o salário mínimo e as linhas de crédito foram controlados ou reduzidos.

Em 18 julho de 1967, logo após deixar o poder, o cearense Castello Branco faleceu num acidente aéreo até hoje mal explicado. Assumiu a Presidência o militar Artur da Costa e Silva, conhecido como “linha dura”. Iniciava-se um novo momento da ditadura, de maior combate à oposição. O Centro de Caça aos Comunistas (CCC); o grupo católico Tradição, Família e Propriedade (TFP) e o Movimento Anti-Comunista (MAC) foram acionados para dar força a essa vigília

contra possíveis “inimigos da ditadura”. Num período de repressões e ataques à liberdade de expressão, o Bar do Anísio servia como espécie de refúgio.

O bar foi muito bom, porque a gente esquecia um pouco essa coisa do peso da ditadura. Com a música e a boemia, as noites ficavam menos escusas. (Fausto)

Nas mesas de madeira, embalados pela maresia, os jovens estudantes quase se esqueciam da repressão. O afeto e as relações ali estabelecidas os alegravam e inspiravam.

MENINAS NO BAR, SIM!

Nesse período, Fausto, Flávio, Augusto, Rodger, Belchior, Ataliba Pinheiro, Barbosa Coutinho, Francis Vale, Cláudio Pereira, Delberg Ponce de Leon, Petrúcio Maia, e outros, compunham o grupo que agora frequentava o Bar do Anísio cotidianamente. A novidade era a presença (que já se fazia notar) de algumas mulheres nos redutos boêmios. Até então, “mulheres corretas” não frequentavam a noite.

Isso foi um rompimento. Porque a boemia era homem separado de mulher. As mulheres dormiam cedo. E a nossa turma rompeu com isso. As meninas iam com a gente pra farra. Era um negócio fantástico. Era o período da pílula também. Cada menina andava na sua bolsa com uma pílula que era uma novidade. Enfim, uma revolução! (Fausto)

Ieda Estergilda, Mércia Pinto, Maria Francisca (Xica) e as irmãs Olga e Alba Paiva foram algumas das primeiras meninas a se inserirem nessa revolução de costumes. As jovens mulheres faziam parte

do grupo de estudantes universitários e frequentavam com eles o Bar do Anísio.

A admiração dos rapazes por essas meninas livres e inteligentes era grande. Algumas amizades se transformavam em romances, como a de Ieda com Augusto Pontes e a de Mércia com Fausto – que permaneceram juntos durante longo período. Alba namorou Rodger e, posteriormente, Flávio.

Enquanto o regime ditatorial pregava a moral e os bons costumes, ironicamente a juventude de todo o País mergulhava num período de liberdade sexual – que já tinha começado em 1960, quando a estilista britânica Mary Quant criou a minissaia.

O desenvolvimento da pílula anticoncepcional é outro marco importantíssimo para eclosão da chamada revolução sexual. Agora a mulher já pode decidir se quer ou não ter filhos. O sexo deixa de servir exclusivamente para a procriação, tornando-se fonte de prazeres e experimentações – tanto para homens como para mulheres.

Nessa época, não tinha isso de motel, não tinha nada. Quem queria namorar, ia dar uma voltinha na areia. Ficava lá, depois voltava. Imagina isso hoje!
(risos) (Fausto)

Olga começou a participar da boemia por causa da irmã Alba, dois anos mais velha. Alba era amiga de Raimundo Hélio Leite – na época, estudante do Instituto de Matemática. Hélio, por sua vez, era amigo de Flávio Torres, que o chamou para conhecer o bar. As meninas, então, passaram a frequentá-lo também.

O bar do Anísio era a referência do lugar seguro. A gente se sentia num ambiente familiar. A dona Augusta abraçava a gente. Todo mundo ia pra lá. Ali era um microcosmos onde tudo era possível. (Olga)

Entre as mulheres dessa geração, que mergulhavam na noite com

os meninos, uma figura se destaca: Ângela Maria da Costa Araújo. Considerada a “rainha de todas” por Flávio, Ângela morava sozinha em Fortaleza e, por isso, não devia satisfações a ninguém. Morava na Rua Senador Alencar, no apartamento 302.

*A gente falava em código para não dizer o nome dela. “Tu vai buscar a 302?”
Aí eu ia buscar a 302, que era a Ângela. Todos da arquitetura eram apaixonados
por ela. (Flávio)*

Ângela 302 chegou a Fortaleza em 1964 para cursar a faculdade de Serviço Social. Na época, tinha apenas 18 anos. Logo que chegou, conheceu o grupo de estudantes em apresentações musicais, das quais ela participava cantando. “Eu não era das melhores. (risos) Tinha a Xica e a cantora mesmo que era a Téti (*Maria Elisete, namorada de Rodger à época*). A gente fez alguns shows em diversos ambientes universitários”, conta Ângela.

Inicialmente, Ângela morou num pensionato de freiras ligado à faculdade. Depois, passou a dar aula em cursinho. Com o dinheiro que começou a ganhar, vislumbrou a possibilidade de alugar uma quitinete. A Rua Senador Alencar, no Centro, foi o local escolhido.

Apesar de parecer ousado, naquela época, uma jovem universitária morar sozinha, para Ângela esse passo foi algo “normal”. Não se sentia atrevida por tomar essa atitude – que se apresentava como a melhor opção no momento. Em relação à admiração dos rapazes, exposta por Flávio, ela, tímida e humildemente, comenta: “Isso é papo do Flávio. (risos) Tinha paquera, mas eu não tinha essa relevância toda não.”

Essa geração de mulheres abriu caminho para que outras pudessem frequentar o bar. A partir de meados dos anos 1960, muitas meninas passaram a assinar a lista de presença do Anísio. De segunda a segunda, via-se nas mesas barbas e maquiagens, vozes graves e agudas, homens e mulheres. O ambiente misturava os sexos em meio a conversas acaloradas, risos nada contidos e copos de bebidas esvaziados.

No início dos anos 1970, um grupo de amigas apareceu no bar: Annuzia Maria, Maria Zélia, Airam Maia, Denise Fernandes e Marisa Barreira. As cinco estudantes universitárias eram a personificação da recente revolução de costumes femininos. Nessa época, muitas mulheres já frequentavam o ambiente. Mas como essas, não havia.

Iam outras mulheres, mas iam acompanhadas de homens. O que eu lembro de só mulher mesmo era a gente. Tanto é que tinham uns caras que não nos conheciam e vinham querer dar uma de gaiato, achando que a gente era outro tipo de coisa. Aí a gente dava fora e eles diziam que a gente era lésbica. (risos) (Annuzia)

O quinteto saía de casa apenas para se divertir e beber conjuntamente. Enquanto outras meninas iam acompanhadas de namorados ou amigos que se ofereciam para pagar a conta, as cinco amigas iam sozinhas e bancavam tudo. Na época, Annuzia e Maria Zélia estavam estatística na UFC e já davam aulas. O curso e o trabalho eram conciliados com a vida noturna – os três com o mesmo grau de importância.

Quando chegava o fim de semana, as duas amigas emendavam a noite com o dia, sem dormir. Sextas à noite, iam ao Anísio. Chegavam em casa já pela manhã, tomavam um banho e iam dar aula na universidade. À tarde, voltavam a casa, almoçavam e iam para a praia. Tiravam um cochilo rápido e, de noite, já estavam novamente no Anísio.

Um dia, Maria Zélia e Airam apostaram que Annuzia iria “capotar” depois da praia e não conseguiria ir ao bar. Se ela fosse, beberia de graça. Se não, pagaria a bebida para todas no dia seguinte. Annuzia aceitou a aposta, animada e na certeza de que não deixaria de ir. Mas, ao chegar em casa cansada da noite anterior não dormida, acabou “capotando” na cama.

À meia noite, acordou desesperada com a hora. Mas ainda na esperança de chegar ao Anísio a tempo de não perder a aposta. Foi até a

garagem, mas não encontrou o carro.

— Papai, cadê meu carro?

— Seu irmão saiu com ele, porque achou que você não ia mais acordar.

Annuzia, com medo de perder a aposta, se arrumou rapidamente e explicou ao pai a situação.

Tu acredita que papai vestiu a calça por cima do pijama e foi me deixar no Anísio? Aí todo mundo lá gritando para ele descer do carro e eu disse “está vendo papai como aqui só tem família?” (risos) (Annuzia)

Fausto Nilo se lembra das cinco amigas como figuras “típicas de um período do bar”. “Eram amigas que bebiam pra caramba! Mais do que a gente!”, recorda-se, divertido. Maria Zélia confirma: “Mil vezes mais!! Não tinha homem, nem mulher que acompanhasse a gente, não.”

Havia uma hora na noite em que as conversas no bar paravam: todos começavam a cantar e a bater palmas enquanto Annuzia equilibrava um copo cheio de Campari na cabeça e saía andando e dançando. Para Fausto, aquilo era simplesmente “sensacional!”. “Eu dançava direto. Nunca quebrei um copo!”, garante Annuzia.

A frequência com que as amigas iam ao bar (praticamente todos os dias) e a forma divertida com que se relacionavam com o espaço e as pessoas conquistaram o coração de Anísio e dona Augusta. O casal tratava com carinho as meninas. Quando elas passavam do ponto e bebiam um pouco além da conta, Augusta dizia: “Você está bêbada demais! Vá lá pra rede dormir!”. E armava uma rede no quintal detrás da casa, onde as amigas passavam a noite.

“Dia de domingo, só a gente entrava lá”, diz Annuzia. Ela se lembra especialmente de um domingo em que foi ao bar esperar as amigas para irem juntas à praia. Anísio a convidou para almoçar. Annuzia recusou gentilmente, dizendo já ter comido em casa. “Maguinha”, como

era chamada na época, por causa do físico bem magro, se assustou com a quantidade de comida que a família Muniz almoçou.

Rapaz, eu nunca vou me esquecer disso. Eles comeram, comeram, comeram, comeram. Aí quando terminaram, o Anísio pediu: "Graça, vai pegar um docinho ali pra gente". (risos) A Graça chegou com uma goiabada daquelas grandes, botou em cima da mesa, partiu em quatro. Cada um comeu um pedaço. Gente, eu fiquei assim... Eu nunca me esqueci dessa cena! (Annuzia)

Em meados de 1970, Annuzia e Maria Zélia foram a São Paulo cursar mestrado em estatística. Mas voltavam a Fortaleza, religiosamente, todas as férias e, claro, ao Anísio. “Ali era boemia! Boemia pura! Boemia das verdadeiras, viu? Acho que pouca gente sabe o que é aquilo”, define Maria Zélia, emocionada.

FRASES DE AUGUSTO PONTES

Augusto Pontes é uma dessas figuras das quais ninguém se esquece: basta conhecê-las. Considerado por muitos um “animador cultural” de Fortaleza, pelo incentivo que dava aos jovens artistas e à produção cultural feita na cidade, Augusto costumava dizer aos amigos que eles podiam ser os melhores poetas do Brasil.

Contemporâneo dos precursores da Tropicália, quando questionando a respeito do talento de compositores baianos como Caetano Veloso e Gilberto Gil (que, naquele momento, davam início à Tropicália, um dos principais movimentos artísticos da cultura brasileira) respondia seguro: “Que nada! Nós somos melhores!” Convencia os jovens cearenses de que eles eram tão bons quanto os de outros estados.

Augusto era um improvisador. Gostava de criar frases e interferir no ambiente em que estivesse com suas criações verbais. Sempre che-

gava mais cedo ao Anísio para escolher uma mesa perto do meio-fio. Onde ele se sentava, todos queriam sentar também, formando uma mesa grande e animada.

Todo mundo sentava com ele e aqueles casais de classe média, com seus fuscas, vinham devagarzinho, olhando pra ver se aquele movimento estava bom. E ele ficava gritando a noite todinha: "Amigo, Benzinho é o quente!". Mandando as pessoas irem para lá. (Fausto)

Benzinho era um bar próximo ao do Anísio, vizinho ao bar O Bem – moderno, com uma espécie de boate no segundo piso e frequentado prioritariamente por pessoas de classe social alta. Augusto “expulsava” com esses gritos pessoas que, na visão dele, não combinavam com o ambiente do Anísio.

O improvisador criou algumas frases que ficaram marcadas na memória de muitos. “Quando a mesa cresce, a cultura desaparece” é uma delas. Augusto gostava de estar com os amigos. Como a mesa dele era sempre a maior, à medida que as pessoas iam chegando, iam juntando-se ao grupo. Colocava-se uma cadeira na cabeceira, depois se adicionava outra mesa e pessoas das mais diversas personalidades iam se aproximando.

Augusto ficava contrariado com isso. Começava fazendo piadas, às vezes brincadeiras mais ácidas que chegavam a aborrecer alguns. Até que iniciava a entoar repetidamente a famosa frase: quando a mesa cresce, a cultura desaparece! Isso pode parecer uma simples brincadeira, pois Augusto se irritava com a presença de desconhecidos e utilizava-se da frase para implicar com eles. Mas a rima repetida também admitia outros significados:

Isso era uma espécie de senha. Quando ele notava que tinham pessoas que não tinham nada a ver com a gente, que tinham a ver com a outra parte. Aí ele falava: “quando a mesa cresce, a cultura desaparece”. Nessa hora, a gente corria. (Ednardo)

A “outra parte”, a que se refere Ednardo, eram os de direita, os espiões do governo. Nesse período, auge da ditadura, qualquer local que reunisse jovens artistas de comportamentos “transgressores” era alvo do Governo.

No Anísio, porém, não há relatos de qualquer tipo de repressão. Não se sabe da visita de militares ao bar, muito menos de prisões ou agressões, como ocorria em outros recintos. Mas, ainda assim, o clima de tensão permanecia. Era difícil esquecer-se da ditadura. Quando a mesa crescia, a cultura tinha de desaparecer. “Era um grupo fechado por causa disso. A gente tinha medo que alguém ficasse escutando as conversas”, lembra-se Rodger.

Outro bordão de Augusto, que ficou marcado na memória dos frequentadores do Anísio, é o famoso “hippie bebe, hippie paga”. Na lembrança de Fausto Nilo, esses hippies eram Roberto Aurélio, Sérgio Pinheiro e Paulo Linhares. Mas, segundo Roberto, o trio tinha outra composição:

Hippies eram eu, Sérgio Pinheiro e o Potinho (Hipólito Rocha Jr.). Eles eram artistas plásticos e eu era o poeta. Não sei por que inventaram essa história de hippies. Era uma brincadeira. (Roberto)

“Eram hippies de gravata, porque trabalhavam em escritório”, diverte-se Isabel Lustosa, irmã mais nova de Roberto, que também frequentava o Anísio. Na realidade, o único que trabalhava nessa época era Roberto. Sérgio não estudava, nem trabalhava. Dedicava-se exclusivamente à criação artística, em especial a pintura.

Segundo ele, o grupo de hippies às vezes aumentava, outras, diminuía, mas ele, Roberto e Potinho ficaram marcados porque não costumavam ter dinheiro para pagar as bebidas e “ainda” eram “cabeludos”. A frase surgiu justamente numa noite em que os hippies chegaram ao bar e beberam na mesa de Augusto sem pagar a conta.

O Augusto ficou indignado! (risos) “Como é que esses caras chegam aqui, tomam a cerveja da gente, comem a comida da gente, vão embora e não dizem nem ‘obrigado’?” (risos) (Rodger)

Noutro dia, vendo que eles não pagariam a conta novamente, Augusto avisou que não pediria nenhuma bebida, instituindo que os hippies também teriam de pagar. Ou melhor: hippie bebe, hippie paga.

O Augusto... A gente implicava muito com ele, porque ele era o mais velho do grupo. Nós éramos bem jovens. Acho que isso que ele dizia tinha a ver com o pessoal sair sem pagar. (risos) (Roberto)

Entre as figuras curiosas que frequentavam o Anísio, tinha uma dupla que também gostava de consumir às custas de Augusto vez ou outra. Os inimigos do ritmo – também chamados de Assum Preto – eram dois irmãos que iam ao bar com um violão e ficavam cantando de mesa em mesa.

A gente chamava eles de inimigos do ritmo porque eles queriam cantar em inglês e inventavam o inglês mais louco do mundo pra dizer que estavam cantando. (Maria Zélia)

Um dia, os inimigos sentaram-se à mesa de Augusto no momento em que ele tinha acabado de pedir uma biquara frita. Quando o peixe chegou, os irmãos mal esperaram a comida ser posta à mesa e começaram a “devorá-la”.

O Augusto Pontes ficou parado. Só de braços cruzados. Aí quando acabou um lado da biquara, eles pararam (de comer). Aí o Augusto Pontes falou assim: “Vira, agora vira (para comer o outro lado)”. Só faltava isso! (risos) Porque ele nem chegou perto da biquara! (Annuzia)

Augusto Pontes foi uma das figuras mais marcantes na história do Anísio. Um rapaz que dizia o que pensava, independentemente se agradava ou não às pessoas. Inteligentíssimo, atraía com as frases e tiradas irônicas os frequentadores do bar – os quais, se já não eram, tornavam-se grandes amigos e admiradores.

BAR QUE TAMBÉM ERA CASA

O Bar do Anísio ficava na parte da frente da casa. Na cozinha, dona Augusta fazia delícias gastronômicas para os fregueses e também as refeições da família. “Da cozinha pra frente, era o bar. Para trás, era a casa. Mas a nossa casa era tudo, porque a gente vivia mais no bar do que na casa”, rememora Nísia.

Os limites de público e privado eram nebulosos, quase inexistentes. Se para Nísia e os demais filhos de Anísio o bar também era a casa, para os frequentadores assíduos não era muito diferente. A sensação era a de estar em casa.

A intimidade com os donos era tanta que, muitas vezes, Anísio ia dormir e deixava o bar aberto. Em vez de expulsar a garotada, dava boa noite, pedia para separarem as cervejas que bebessem no canto e voltassem no dia seguinte para pagar. “Ele deixava o cadeado, a gente fechava o bar e no outro dia ia lá pagar”, lembra Flávio.

Se um passasse mal, dormia por lá, sabe? Eles botavam uma rede nos coqueiros lá do outro lado. Aquele que capotava dormia e acordava de manhã com o Sol na cara. (risos) (Annuzia)

Sempre que alguém bebia além da conta, Anísio e Augusta cuidavam para que ninguém voltasse para casa dirigindo. Por isso, no quintal dos fundos, tinha uma rede preparada para receber quem pre-

cisasse dormir um pouquinho antes de pegar no carro. Alguns grupos tinham certa prioridade em relação aos demais. Fausto, Flávio, Rodger, Augusto, Annuzia, Maria Zélia e Marisa eram alguns dos jovens que sempre teriam vaga na redinha.

Tinham uns que a mamãe e o papai adotavam. Quando estava bêbado, ela pegava a chave (do carro), guardava e não deixava sair de jeito nenhum. Não eram fregueses, era gente da família. É tanto que todo mundo chamava ela (Augusta) de maezona, de tia. (Nísia)

As histórias que aconteceram ali são inúmeras. Muitas se perderam no tempo e na memória dos que viveram o bar. Outras, porém, permanecem guardadas na lembrança, inesquecíveis. Como o dia em que Rodger provou do chá de zabumba, grande novidade na época que prometia alucinações.

Um dia, chegou um grupo de rapazes mais jovens no bar, comentando sobre a bebida. “Eu fiquei mangando deles: ‘Isso faz nada, rapaz! Adianta nada! Aí (eles disseram:) ‘Pois bebe!’. Aí eu bebi um bocado”, conta Rodger. Flávio recorda que, às três horas da manhã, *neguim* (como chama carinhosamente o amigo Rodger) atravessou a rua e foi para o lado da praia – em frente ao Bar do Anísio e ao lado do pé de oiti – experimentar o tal do chá.

Aí pronto. Não tinha quem fizesse ele voltar pra rua. O neguim lá sozinho, abraçado com esse pé de oiti. (risos) E não vinha, não vinha. O Rodger, com medo, disse que a rua era um buraco. Agarrado no pé de oiti e a gente arrastando. Um negócio doido essa zabumba. (Flávio)

(muitos risos) Não foi bem assim. Eu fiquei louco, completamente louco. Eu queria atravessar a rua, mas não conseguia, porque a rua ficou como se fosse água, ondulando. Os carros vinham e eu dizia que não conseguia passar com a rua ondulando daquele jeito. Eu não me agarrei ao pé de oiti,

mas fiquei sentado do lado. (risos) (Rodger)

Rodger permaneceu do outro lado da rua até o dia clarear e ele se sentir “com forças” para deixar a companhia da árvore e atravessar a avenida. O pé de oiti era um grande (talvez o maior) espectador das noitadas do Anísio. Testemunha de todas as histórias do bar. A árvore acompanhou o início de tudo, permaneceu de pé após a pavimentação da Beira-Mar e segue ali até hoje, guardando para si todas as histórias que presenciou.

Antes mesmo de Anísio mudar-se para o Mucuripe, a árvore já existia no mesmo local: em frente ao que se tornaria o bar, na fronteira da avenida com a praia. A diferença é que, antes de a família chegar à Beira-Mar, o oitizeiro ficava dentro de um terreno baldio rodeado de lixo. Durante o calçamento da avenida, em 1960, esse pequeno monturo e diversas árvores também foram removidos – menos o oiti.

Ainda bem. Porque ela era muito linda. Linda, linda. A copa dela parecia um cabelo. O vento batia e ela se movia. É a única árvore que ficou ali. Lá em casa, tudo era ali (no oiti). Tomava-se café, botava-se a mesa lá. Aquele pé de oiti, se falasse, contava toda a história de tudo, de tudo! (Nísia)



Na maioria das vezes, a noitada no Bar do Anísio costumava ir até de manhã. A ideia de não ter hora para acabar era levada ao pé da letra. Mas, às vezes, Anísio e a esposa fechavam o bar mais cedo (entenda-se por volta de seis horas da manhã) e o grupo seguia em busca de outro lugar para continuar bebendo.

Um dia, Fausto, o jovem Antônio Carlos Coelho e Rodger saíram do Anísio de manhã. O trio ia dormir na UFC, no campus do bairro Benfica. Como não tinham carro, iniciaram uma caminhada em direção à universidade. Sem um tostão no bolso. Foram a pé até a Praça José de Alencar, no Centro. Na esquina da Rua Guilherme Rocha havia um bar que todos consideravam ter a “melhor cerveja gelada de Fortaleza”.

A gente estava doido pra tomar uma cerveja, mas sem dinheiro, sabe? O Antônio Carlos olhou e tinha um ceguinho numa lojinha da Guilherme Rocha. A loja fechada e o ceguinho tocando flauta. (Fausto)

Ao ver o cego tocar flauta, Antônio Carlos teve uma ideia:

— Olha, vai ser o seguinte: Rodger, você toca violão. Fausto, você canta. Eu recolho o dinheiro e o ceguinho fica na flauta.

Antônio perguntou ao cego se ele topava tocar com eles. A resposta foi um animado: “Vamos lá! Qual vai ser a música?”.

Cantei uma música do Vicente Celestino. “Noite alta, céu risonho” (Fausto canta trecho da canção “Noite Cheia de Estrelas”). Dez horas da manhã de um sábado. Nós fomos até as 11 e pouco cantando. Era dinheiro pra caramba! (Fausto)

Ao final, os rapazes dividiram a quantia arrecadada: metade para eles e outra para o cego. Com a parte que ficaram, os amigos tomaram três cervejas com tira-gosto e ainda pagaram um táxi até a universidade. “Foi um dinheiro bom! O ceguinho pediu: ‘Na próxima semana, vocês vêm

de novo?’. O cego ficou achando uma maravilha!”, diverte-se Rodger.

MEIA OITO

O penúltimo ano da década de 1960 foi marcado por diversos festivais de música, espalhados pelo Brasil: I Festival Universitário de Música Popular, em Porto Alegre; Festival de Juiz de Fora; II Festival Fluminense da Canção, em Niterói; III Festival Nacional da Música Popular Brasileira, no Rio de Janeiro, entre outros.

Fortaleza não ficou de fora. Em dezembro de 1968, realizou-se na cidade o I Festival de Musica Popular Aqui no Canto, da Rádio Assunção, organizado por Aderbal Freire Filho. A comissão julgadora era composta por músicos, entre eles Fausto Nilo e Mércia Pinto.

O nome do festival era uma brincadeira com o ato de cantar e o fato de a maioria dos festivais de música da época ocorrer no Rio de Janeiro. Esse era diferente, “aqui no canto do Brasil”⁴. As apresentações aconteceram no auditório do antigo Colégio Jesus Maria José, no Centro.

Na primeira eliminatória, a música “Tempo de Ciranda”, de Braguinha e Dedé Evangelista, ficou em primeiro lugar. Entre as concorrentes, havia “Andante”, de Rodger, e “O Santo”, de Sérgio Pinheiro. O festival, porém, não tinha a intenção de premiar vencedores, e sim de selecionar as 12 melhores canções para compor um disco.

Entretanto, pouco antes da final do Aqui no Canto, o então presidente do Brasil, Artur da Costa e Silva, aplicou aquele que seria o mais duro golpe na democracia, o Ato Institucional número 5 (conhecido como AI-5). No dia 13 de dezembro de 1968, o AI-5 entrou em vigor.

4. Informações retiradas do livro *No Tom da Canção Cearense*, de Wagner Castro.

Entre as principais determinações do decreto federal, destacavam-se a proibição de manifestações populares de caráter político; a censura prévia para jornais, revistas e expressões artísticas (como música e teatro); e a suspensão do direito de *habeas corpus* em casos de crimes que iam “contra a segurança nacional”.

Nesse ano, diversos estudantes, artistas e jornalistas foram presos. Fausto Nilo foi um deles. Em outubro de 1968, ele foi levado pelos policiais do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) durante o 30º Congresso da UNE, em Ibiúna – cidade a 70 quilômetros de São Paulo. Fausto ficou detido por uma semana, mas faz questão de deixar claro que nunca foi torturado⁵.

Em contrapartida, a juventude da época criou o lema “é proibido proibir”. Movimentos estudantis de todo o País encabeçaram protestos contra a política tradicional e a favor da liberdade de expressão. Ao mesmo tempo, outras mobilizações ocorriam em diversos países, como a Revolução de Maio de 68, em Paris, liderada por estudantes e considerada a maior greve geral da história.

5. Declaração dada ao jornal Diário do Nordeste, na reportagem Arena de mudanças, política e utopias (11/5/08).





SEGUNDO CAPÍTULO

APESAR DE OS ANOS 1969 E 1970 não terem sido fáceis, devido ao clima de tensão instaurado com o AI-5, os jovens não deixaram de sonhar – e festejar. A esperança em um futuro melhor e na reinstalação da democracia no País servia de estímulo para que a luta e os encontros da boemia continuassem.

Como prova disso, em 1970, inicia-se o período de maior movimento no Bar do Anísio. De segunda a segunda, o local era invadido (no melhor sentido da palavra) por estudantes universitários, artistas, jornalistas e boêmios. Muitos deles, novos no recinto, como José Ednardo – ou, como ficou conhecido posteriormente, Ednardo. O jovem músico costumava ir ao antigo Cine Diogo aos sábados, assistir aos chamados “filmes de arte”. Nesse tempo, Anísio ainda se dividia entre o bar e o emprego de ascensorista no Edifício Diogo.

A gente acabou fazendo amizade com o Anísio. Ele disse: “Olha, eu tenho um barzinho que fica ali na Beira-Mar. Se vocês quiserem ir lá, sempre vou guardar umas cervejinhas, tem biquara frita”. Aí pronto. De uma maneira espontânea, o Bar do Anísio começou a ser um ponto de referência. De manhã, de tarde, de noite, sempre tinha alguém lá. (Ednardo)

O grupo de novos fregueses começou a aumentar. Além de Ednardo, Augusto Benevides (Guto); Isabel Lustosa; Pedro Carlos Álvares (Pedrão); Alano Freitas; Mércia Pinto, Emília Augusta; Campelo Costa; o já citado grupo de amigas Annuzia, Maria Zélia, Marisa, Airam e Denise; entre outros. Cláudio Pereira, que se tornaria vizinho do Anísio em pouco tempo, também passa a frequentar o bar com mais assiduidade no início dos anos 1970.

Começou a aumentar (o número de fregueses). O Anísio ficava super-feliz. A gente tocava muito nas mesas. Não era um show de bar. Era uma reunião onde se juntavam várias mesas, um ficava mostrando música pro outro, combinando parcerias. Várias músicas foram feitas lá. (Ednardo)

Em meio a conversas divertidas e sinceras, piadas e copos de cerveja, diversas frases inspiradas e acordes de violão iam surgindo. Foi assim que a canção “Carneiro”, parceria de Ednardo com Augusto Pontes, foi composta, por exemplo.

Já no início dos anos 1970, esses e outros jovens artistas sonhavam em sair de Fortaleza em busca de sucesso e realização profissional no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Certa noite, Ednardo, ansioso por gravar e tornar conhecidas as composições que fazia, colocou esse assunto em pauta nas mesas do Anísio, ao lado do amigo Augusto. “Quero ir-me embora daqui pro Rio de Janeiro”, disse Ednardo.

Na outra vez em que nos encontramos, ele (Augusto) chegou com umas 10 páginas datilografadas com uma letra enorme, enorme! (risos) Era quase um roteiro musical, porque ele misturou várias situações daquele momento, como a vontade de sair de Fortaleza para alcançar um lance mais amplo. (Ednardo)

Ednardo “pinçou” uns pedacinhos da letra de Augusto e complementou com algumas ideias pessoais. Na outra vez em que os dois se encontraram no bar, a música já estava pronta. “Carneiro” acabou sendo resultado de uma mescla das frases de Augusto com as de Ednardo, como numa conversa.

— Amanhã, se der o Carneiro, vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro. As coisas vêm de lá, eu mesmo vou buscar, diz Augusto.

— Vou voltar em vídeo tapes e revistas supercoloridas, completa Ednardo.

— Pra menina meio distraída repetir a minha voz, continua Augusto.

— Que Deus salve todos nós e Deus guarde todos vós, arremata Ednardo.

“Aí pronto. Ela ficou sintética, sincrética e disse tudo. Até hoje essa música é um referencial”, orgulha-se Ednardo. A verdade é que a música evidenciava o desejo real desses jovens de viver da própria arte, das próprias ideias. Trabalhar numa empresa, dentro de uniformes e

segundo regras, não preencheria a vida de nenhum deles.

Era preciso sair de Fortaleza, ganhando ou não no jogo do bicho (como sugere Augusto, ao dizer “se der Carneiro”), e voltar à terra natal como músicos bem sucedidos e não mais aspirantes a artistas. Voltar, quem sabe, em gravações de vídeo e em revistas supercoloridas.

CARNEIRO, DE EDNARDO EM PARCERIA COM AUGUSTO PONTES

*Amanhã se der o carneiro
O carneiro
Vou m'imbora daqui pro Rio de Janeiro
Amanhã se der o carneiro
O carneiro
Vou m'imbora daqui pro Rio de Janeiro
As coisas vêm de lá
Eu mesmo vou buscar
E vou voltar em vídeo tapes
E revistas supercoloridas
Pra menina meio distraída
Repetir a minha voz
Que Deus salve todos nós
E Deus guarde todos vós*

Outra música que Ednardo lembra-se de ter composto no Bar do Anísio, junto com o poeta Brandão, chama-se “Alazão”. Brandão havia escrito uma carta ao músico Belchior contando que estava com a ideia de fazer uma música chamada “Alazão”. Belchior respondeu agrade-

cendo-o pela lembrança e dizendo que faria a canção.

Brandão ficou apreensivo. “Será que Belchior entendeu errado, achando que dei a ideia para ele fazer a música sozinho?”, questionou-se. Antes de obter qualquer resposta, decidiu-se por compor logo a canção em parceria com o amigo Ednardo. Quando terminou de escrevê-la, levou a letra pronta, manuscrita, ao Bar do Anísio.

Ednardo, que estava com o violão, fez alguns acordes iniciais, apenas a “estrutura básica”. Mas, aos poucos, foram chegando muitas pessoas às mesas, alguns muito “zoadentos” (palavras de Ednardo; significa “barulhentos”), a ponto de desconcentrar os músicos. Ednardo, então, disse a Brandão que terminaria a música em casa. No dia seguinte, já com a canção pronta, apresentou-a no bar.

O Anísio, sentado em uma mesa ao lado, prestando atenção. Depois, foi pegar duas cervejas, botou na mesa, sem a gente pedir, e disse: “Sei que vocês vão comemorar. Tá muito legal esta aí.” (Ednardo)

ALAZÃO, DE EDNARDO EM PARCERIA DE ANTÔNIO JOSÉ SOARES BRANDÃO

*De qualquer jeito é cedo
De qualquer jeito há medo
De qualquer jeito
A força vem do braço
Ou da palavra sai
Corre
Toca o alazão, meu pai
Na poeira cinzenta, o sol
E o cavalo vai
Na poeira cinzenta, o sol*

*E o cavalo vai
 Estrela branca na testa, alazão
 Me veste de perneira e gibão
 Arranca meu sorriso do chão
 Abre os meus braços na imensidão*

*Qualquer soluço é pressa
 Qualquer dinheiro é pouco
 Qualquer desejo é reza
 Qualquer promessa só da boca sai
 Corre
 Toca o alazão, meu pai
 Na poeira cinzenta, o sol
 E o cavalo vai
 Na poeira cinzenta, o sol
 E o cavalo vai
 Há um direito e um torto, cavalo é
 Eu não estou bem morto, cavalo é
 Corre na areia, no vento, cavalo é
 No mato seco do tempo, cavalo é
 Pula da torre da igreja
 Pula por cima da mesa*

“Alazão” é uma música quente e densa. Uma poesia que fala da insuficiência de desejos e dinheiro, de promessas que saem da boca e só, da corrida solitária de um cavalo sertanejo. Já outra canção de Ednardo, uma das mais famosas do músico, trata exatamente do oposto, de amores e sorrisos à beira-mar, esta que dá nome à música.

Nessa época, Ednardo conciliava as aulas do curso de Engenharia Química na UFC com o emprego na fábrica de asfalto da Petrobras,

no Mucuripe – posteriormente conhecida como Lubnor. Foi numa noite de carnaval, durante o trabalho, que o estudante compôs uma das canções mais marcantes da trajetória musical dele, intitulada “Beira-Mar”.

Mas ela foi terminada no Bar do Anísio, que ficava a caminho da fábrica. Muitas vezes, antes de ir trabalhar, eu passava lá, tomava umas cervejinhas. Mas sem me embriagar muito, porque eu ia trabalhar numa fábrica de alta periculosidade. (risos) (Ednardo)

A namorada de Ednardo, à época, costumava reclamar dizendo que ele trabalhava e estudava muito e, por isso, “não comparecia” ao relacionamento. Ele respondeu dizendo que faria uma canção para ela, como pedido de desculpas. O resultado é a romântica “Beira-Mar”, uma declaração de amor que, na realidade, foi uma maneira de se “livrar de uma suja”, como o próprio músico disse em reportagem publicada pelo jornal *O Povo* no dia 17 de abril de 2005.

BEIRA-MAR, DE EDNARDO

*Na Beira-Mar, entre luzes que lhe escondem
Só sorrisos me respondem
Que eu me perco de você
Você nem viu a lua cheia que eu guardei
A lua cheia que eu esperei
Você nem viu, você nem viu
Viva o som, velocidade
Forte praia, minha cidade
Só o meu grito nega aos quatro ventos
A verdade que eu não quero ver*

*Na Beira-Mar, entre luzes que lhe escondem
Só sorrisos me respondem
Que eu me perco de você
E o seu gosto que ficando em minha boca
Vai calando a voz já rouca
Sem mais nada pra dizer
E eu fugindo de você
Outra vez me desculpando
É a vida, é a vida...
Simplesmente, e nada mais
E um gosto de você que foi ficando
E a noite, enfim findando
Igual a todas as demais
E nada mais*

A verdade é que, além de declaração à namorada, “Beira-Mar” é uma homenagem à praia de todos os dias, à vista que se tinha do Bar do Anísio. Como “Beira-Mar”, outras canções eram apresentadas na varanda do Anísio – espécie de primeiro palco dos jovens compositores. Raimundo Fagner, em entrevista ao jornal *O Povo*, no dia 11 de abril de 2004, revelou que as primeiras músicas que compôs com Belchior começaram ali, no bar.

Fagner era um dos mais novos do grupo – três anos a menos do que Belchior – e não frequentava o bar de forma assídua como os outros. “O Fagner não era muito da noite nessa época não. Ele ia às vezes de dia, no fim de semana”, rememora Fausto. Mas, ainda assim, muitas composições de Fagner foram feitas e/ou apresentadas no Anísio. Afinal, ali estavam as grandes promessas da música cearense da época.

As mesas do bar falavam por si. A letra de “Cavalo Ferro” foi feita de uma sentada só, por Ricardo Bezerra e Fagner em uma noite no local. “O violão estava sempre na mão. Já burilávamos poesia e dávamos vazão à arte”, sintetizou Ricardo Bezerra. (Trecho da reportagem publicada no jornal O Povo, no dia 11 de abril de 2004)

Ricardo Bezerra também era estudante de Arquitetura na UFC (como Fausto e Brandão) e compunha músicas em parceira com os colegas de curso, e também com Augusto Pontes, Rodger e, principalmente, Fagner. “Cavalo Ferro” é uma das composições de maior destaque da parceria de Ricardo com Fagner.

CAVALO FERRO, DE FAGNER COM PARCERIA DE RICARDO BEZERRA

*Montado num cavalo ferro
Vivi campos verdes, me enterro
Em terras trópico-americanas
Trópico-americanas, trópico-americanas
E no meio de tudo, num lugar ainda mudo
Concreto ferro, surdo e cego
Por dentro desse velho, desse velho
Desse velho mundo
Pulsando num segundo letal
No planalto central
Onde se divide, se divide, se divide
O bem e o mal
Vou achar o meu caminho de volta
Pode ser certo, pode ser direto
Caminho certo sem perigo, sem perigo
Sem perigo, sem perigo fatal*

A música é, dentre outras e muitas interpretações possíveis, uma explosão de juventude. Achar-se-á o caminho, certo ou não, direto ou não, e, ainda por cima, sem perigo fatal. O importante é seguir pulsando e montando num cavalo ferro em busca do que ainda não se sabe. Esse era o espírito de Fagner, Ricardo e tantos outros que se permitiam sonhar nas mesas no Anísio.

Outro dos grandes parceiros musicais de Fagner era Belchior. Este, que fora colega de classe de Fausto Nilo e, posteriormente, tentou seguir a vida eclesiástica, mas logo desistiu para voltar à companhia dos amigos boêmios.

Juntos, Fagner e Belchior compuseram canções memoráveis. Dentre elas, a belíssima “Mucuripe”. A música foi tocada pela primeira vez por Belchior no Bar do Anísio, numa noite estrelada. Na letra, observa-se claramente a imagem que se via (e se sentia) das mesas do bar: velas, pescadores, mar, vento e estrelas. Vista que inspirou e embalou a juventude desses e de tantos outros frequentadores do Anísio.

MUCURIPE, DE BELCHIOR E FAGNER

*As velas do Mucuripe
 Vão sair para pescar
 Vão levar as minhas mágoas
 Pras águas fundas do mar
 Hoje à noite namorar
 Sem ter medo da saudade
 Sem vontade de casar
 Calça nova de riscado
 Paletó de linho branco
 Que até o mês passado*

*Lá no campo inda era flor
Sob o meu chapéu quebrado
Um sorriso ingênuo e franco
De um rapaz moço encantado
Com vinte anos de amor
Aquela estrela é bela
Vida vento vela leva-me daqui
Aquela estrela é bela
Vida vento vela leva-me daqui*

No trecho “Vida, vento, vela leva-me daqui” evidencia-se a vontade latente de se ir embora (como em “Carneiro”, de Ednardo), de buscar e encontrar novas perspectivas em outros ares, mais ao sul. Quem sabe lá, distante do provincianismo alencarino, fosse possível afundar as mágoas e sorrir, mesmo que ingenuamente.

Entre uma música e outra, as noitadas na Beira-Mar eram, muitas vezes, interrompidas por uma tradição da época, também musical: as serenatas. Nos anos 1960 e 1970, os prédios ainda não eram maioria na cidade, sendo possível cantar para as namoradas ou mesmo surpreender uma paquera e conquistar corações no meio da madrugada.

Grande parte dos frequentadores do Anísio eram músicos, futuros músicos ou aspirantes a cantores. Ou seja, todo mundo participava das tais serenatas, nem que fosse apenas para apoiar um amigo apaixonado. Patrícia⁶, amiga de Annuzia e de Maria Zélia, era lésbica. Se a homossexualidade ainda é vista, nos dias de hoje, com bastante preconceito, pode-se imaginar como era nos anos 1970. Muitos homossexuais tinham medo de se assumir em determinados ambientes, principalmente aqueles mais conservadores que se apresentavam hostis.

6. Nome fictício

Mas no Anísio não havia essa atmosfera de repressão. Pelo contrário, ali cada um podia ser e agir como bem entendesse. Patrícia, nos primeiros dias de frequentadora do bar, ainda não se “assumia”. Foi dizer-se lésbica depois, talvez ao perceber que ali, sim, estava segura. Mudou inclusive a maneira de se vestir, ficando mais à vontade para usar as blusas do pijama, como gostava de fazer.

Certa vez, ela levou Annuzia e Maria Zélia para ajudarem-na a fazer uma serenata para a namorada à época. Para acompanhá-las no violão, as meninas chamaram os Inimigos do Ritmo. As três passaram no Anísio e “botaram” os irmãos dentro do carro para irem todos juntos à serenata.

A gente comprou um violão pra eles. Era muito legal. A gente ia fazer serenata na puta que pariu e eles iam com a gente. Tudo eles faziam pra gente. (Maria Zélia)

Já no caso dos rapazes era mais fácil, pois a maioria já sabia tocar algum instrumento. Não era preciso “laçar” violeiros para compor a banda. Eles próprios se reuniam e formavam uma espécie de conjunto musical. A serenata tornava-se uma espécie de show particular.

Flávio se lembra de que, nessa época, Rodger tocava contrabaixo na banda do padrasto. Assim, os amigos se relacionavam com todos os músicos do grupo. As serenatas que faziam, portanto, eram de “primeira grandeza”. “Era o melhor pianista da cidade tocando escalaleta (instrumento de sopro e teclas). Serenata de alto estilo, menina! De qualidade”, conta Flávio.

Na lembrança de Rodger, porém, as serenatas eram feitas apenas com voz e violão. “Eu fazia muitas. Aliás, eu comecei a me soltar mais fazendo serenata”, lembra-se, divertido. Poucos rapazes tinham carro próprio. Por isso, na maioria das vezes, Flávio era o motorista. Primeiro, no fusquinha. Depois, ganhou do pai uma Kombi que logo se transformou no transporte oficial dos amigos.

Cabia uma turma enorme, né? (risos) Então a gente comprava um balde, isopor de gelo, tirava aquele banco do meio e a Kombi era um bar. Era cheio de rum, coca-cola, gelo. E cabia todo mundo! Aí eu era o transportador oficial da turma. (Flávio)

Guto Benevides também adorava fazer serenatas. Desenrolado e sociável, o jovem chamava cantores de outros estados, que vinham a Fortaleza se apresentar, para o acompanharem nas tais serenatas. Na época, Guto já trabalhava no jornal *O Estado* e tinha uma coluna intitulada “Curtição do Guto”. Assim, estava sempre em contato com os artistas que passavam pela cidade.

Cauby Peixoto, Altemar Dutra. A gente convidava eles [sic] para beber. Depois, parava o carro na casa da namorada e pedia pra eles cantarem uma música. Elas abriam a janela ou davam sinal: acendiam a luz e apagavam. Aí todo mundo ficava feliz no outro dia. (Guto)

Guto começou a frequentar o Bar do Anísio no início dos anos 1970. Acabara de ganhar um prêmio publicitário, por uma campanha que fez, e queria comemorá-lo. Foi, então, ao Anísio – que nessa época já era bastante conhecido – e disse: “Eu quero saber se tem alguém aqui pra beber até de manhã”. O alguém que levantou o dedo e disse “eu” era Cláudio Pereira. Iniciou-se, assim, uma grande amizade entre os dois, que passaram a virar noites no bar e a compartilhar brincadeiras etílicas e conversas, por vezes, sóbrias.

TELEVISÃO E FESTIVAIS: UMA NOVA FASE

No dia 26 de novembro de 1960, Fortaleza recebeu a maior novidade da época: uma emissora de televisão local. A TV Ceará, Ca-

nal 2, foi a primeira da capital. Chegou à cidade dez anos depois da inauguração da TV Tupi, Canal 3, a primeira televisão do Brasil e da América Latina, que iniciou as atividades no dia 18 de setembro de 1950, em São Paulo.

Entretanto, no início da década de 1960, o aparelho de televisão ainda era caro, considerado artigo de luxo em Fortaleza. Poucas famílias podiam adquiri-lo. Por isso, o rádio permaneceu como principal meio de comunicação e lazer no Estado até o final dos anos 1960, quando os programas televisivos de auditório começaram a ganhar popularidade.

Em formato similar ao dos programas de João Ramos e Augusto Borges, da PRE-9, os da TV Ceará também recebiam músicos cearenses para tocar novas canções e animar a plateia. A principal diferença era que, além de ouvintes, o público se tornou telespectador.

Em 1969, os dois programas de maior sucesso chamavam-se *Show do Mercantil*, comandado por Augusto Borges, e *Porque Hoje é Sábado*, de Gonzaga Vasconcelos. Ednardo era o diretor-artístico do primeiro, que passava aos domingos, e Belchior e Jorge Melo dirigiam o segundo, exibido todos os sábados.

Ednardo, em entrevista concedida ao jornal *O Povo*, no dia 17 de abril de 2005, considera esses dois programas os “grandes celeiros” da época, onde as pessoas tinham oportunidade de mostrar na televisão, semanalmente, músicas inéditas para todo o Ceará.

Após apresentarem-se ou assistirem aos programas de auditório, os jovens iam da TV ao Bar do Anísio. Rodger se lembra especialmente de uma vez quando, após homenagearem “um poeta”⁷ no Show do Mercantil, este se ofereceu para pagar um jantar ao diretor-artístico do programa, Jorge Melo.

Esse poeta ficou muito sentido, agradecido com a homenagem, comovido, e

7. Não se sabe quem foi o poeta homenageado.

queria agradecer com um jantar pro Jorge Melo. Aí o Jorge Melo disse: "Tudo bem. Mas eu vou pro Anísio com a turma". Aí o poeta (respondeu:) "Tudo bem, faço questão de pagar seu jantar". (Rodger)

O que o tal poeta não sabia é que, poucos dias antes, Jorge Melo havia comido uma biquara frita com Augusto Pontes, sem ajudá-lo a pagar a conta no final. Quando Jorge chegou com o convidado para jantar, sentou-se entre Augusto e o poeta. Rodger também estava no momento, sentado do outro lado de Augusto. Além dos quatro, a mesa estava cheia de outros amigos. Depois de olhar o cardápio e avaliar as opções, o homenageado escolheu um peixe grande com molho. Sem imaginar o que estava por vir.

Quando o cunhado do Anísio, que servia, foi baixando a bandeja, Augusto pegou e deu uma mordida! (muitos risos) Pegou o peixe com a mão! O poeta (gritou:) "O que é isso? Esse homem é um incivil" (risos) Loucura viu. Loucura, loucura. (Rodger)

A vingança de Augusto, interpretada como incivilidade pelo poeta, era apenas uma das brincadeiras malucas da turma do Anísio. Não havia regras de conduta, bons modos ou qualquer outra formalidade. Ali era um território livre, onde se podia tudo.

Além da ascensão dos programas de TV, o último ano da década de 1960 foi marcado por diversos festivais de música. Hábito que já vinha acontecendo há alguns anos e que, em 1969, explodiu em todo o mundo. Woodstock Music & Art Fair (conhecido como Woodstock) foi, seguramente, o de maior repercussão.

Entre os dias 15 e 17 de agosto, a fazenda de Max Yasgur, na cidadelha de Bethel (Nova Iorque), recebeu cerca de meio milhão de espectadores. Foram 32 shows dos artistas mais aclamados da época, como os guitarristas Jimi Hendrix e Carlos Santana. Nesse contexto, os festivais de música ganharam maior repercussão também no

Brasil e no Ceará.

Na véspera do início do Woodstock, realizou-se em Fortaleza a final do I Festival Nordestino da Música Popular, setor Ceará. Nesse dia, o jornal *Correio do Ceará* dedicou uma página inteira ao festival, com o título “Hoje à Noite no Palco do Náutico a Batalha da Canção” e os nomes dos compositores, das canções e as letras de cada uma.

Rodger ficou em quarto lugar, no Ceará, com a canção “Bai, Bai, Baião”, em parceria com José (Dedé) Evangelista. No dia 23 de agosto, na final em Recife, Rodger e Dedé tiraram o segundo lugar, empata-dos com os baianos Alcivando Luz e Jairo Simões, que cantaram “Poe-ma do Chapeuzinho Vermelho”.

Nesse Festival, os prêmios eram altos. Eu tinha casado, minha filha tinha nascido, devendo dinheiro, numa pobreza desgraçada. Eu sei que era dinheiro demais. Paguei minhas contas todas, comprei carro. Isso porque dividi o segundo lugar com o pessoal da Bahia. Foi um luxo! (risos) (Rodger, no livro No Tom da Canção Cearense, de Wagner Castro)

O festival nordestino teve mais duas edições. A última ocorreu em 1971, com Ednardo em segundo lugar com a canção “Além Muito Além”. Ednardo participou das três edições, além dos festivais de música universitária e dos de carnaval. Participava de todos e, por isso, foi suspenso várias vezes do trabalho na Petrobras.

Nesse tempo, a Petrobras era administrada só por militares. Os caras não gostavam do tamanho do meu cabelo, de eu me apresentar em televisão. Uma vez, eles falaram: “Ou você corta o seu cabelo ou a gente te bota pra fora”. Aí eu respondi: “Onde é que o meu cabelo está atrapalhando no trabalho?”. O cara falou: “Você é muito atrevido”. (Ednardo)

No contexto de festivais e programas de auditório, o Bar do Anísio se encaixava perfeitamente como uma “feira” – definição de Fausto

Nilo. Ou seja, era o lugar para se mostrar as novas músicas. Antes de subirem aos palcos dos festivais, as canções eram apresentadas no bar. Anísio era o primeiro ouvinte de todos e a casa dele, o primeiro palco.

E DEU CARNEIRO!

Parece paradoxal, mas o amor ao lugar de origem não garante sua permanência nele, o próprio lugar ‘expulsa’ aqueles que o amam.
(Trecho retirado do livro Terral dos Sonhos, de Mary Pimentel)

Em 1968, Flávio havia ido para Brasília. De lá, voou para a Inglaterra, para seguir os estudos. Era o primeiro dos amigos a deixar Fortaleza, abrindo caminho para que os outros também o fizessem. A cidade estava ficando pequena demais para caber tantos sonhos e vontades. Os jovens queriam crescer profissionalmente, gravar discos, fazer shows, estudar, conhecer novos universos... Era preciso sair da terra natal.

Em 1970, Fausto (já graduado em arquitetura) se muda para a capital do Brasil para dar aulas na Universidade Nacional de Brasília (UnB). Com ele, Augusto Pontes também foi para estudar Comunicação na UnB. Rodger e Ieda seguiram os amigos, formando uma pequena comunidade cearense em Brasília. Poucos anos depois, os quatro deixariam a capital para morar em São Paulo ou no Rio de Janeiro.

Fagner também zarpou, em 1971. Mas, diferentemente dos outros, seguiu, sem escalas ou conexões, para o Rio de Janeiro, buscando solidificar a carreira musical que já vinha crescendo com prêmios nos mais diversos festivais. No ano seguinte, *Mucuripe* foi gravada por Elis Regina, estourando nas paradas de sucesso do País. Enquanto Fagner ganhava prestígio na voz de Elis, Ednardo decidia finalmente ir-se embora daqui para o Rio de Janeiro, arriscando-se a

ter de ouvir meninas distraídas repetirem a voz dele.

Ednardo fora demitido da fábrica um ano antes de ir para o Rio. Os militares começaram a pressioná-lo no trabalho e praticamente toda semana ele levava uma suspensão por tocar em festivais. Eles diziam que não havia espaço na unidade para um cantor, compositor. Ednardo respondeu: "Tá bom. Então pede minha conta aí". Disse em tom jocoso, como numa brincadeira, mas no dia seguinte veio a conta.

Entre a demissão e a partida de Fortaleza, Ednardo continuou dedicando-se a compor canções e a trabalhar em alguns projetos musicais. Um deles foi a peça publicitária para o hipermercado Jumbo Pão de Açúcar, no Center Um – o primeiro *shopping center* de Fortaleza. Ednardo compôs a música do comercial a pedido do amigo Guto, responsável pela campanha do novo estabelecimento comercial. O músico, que não costuma participar de campanhas publicitárias, aceitou o convite apenas em consideração ao grande amigo Guto.

O Jumbo causou frisson em Fortaleza. Não só por ter sido a primeira filial da cidade, mas principalmente por causa de um convidado especial: um elefante. O animal, que participava das inaugurações de todos os Jumbos do País, ficou dez dias na capital cearense.

Nas semanas que antecederam o lançamento do hipermercado, como sugestão de Guto, pegadas de elefante foram pintadas pela cidade, marcando o percurso do Centro ao Center Um e estimulando a curiosidade o público. O mascote, entretanto, chegou um dia antes do planejado. Para não estragar a tão esperada surpresa, Guto levou o animal para um terreno vazio na Rua Padre Valdevino. Como o muro do local era frágil, o elefante conseguiu derrubar as paredes. Guto, então, levou-o às pressas para outro terreno na Messejana, onde o bicho pôde se esconder até a inauguração.

No dia da inauguração, estava o elefante enorme em frente ao Center Um

e o Guto em cima. (risos) Você acredita numa coisa dessas? Surreal demais, cara! Esse tempo era surreal demais! (Ednardo)

Ao longo dos dez dias, Guto passeou pela cidade com o animal, fazendo a alegria de crianças e adultos. Um dia, passeando com o elefante em cima do caminhão, Guto decidiu passar no Anísio para apresentar o novo amigo à turma.

O caminhão parou, o elefante desceu, montei no elefante e cheguei lá com uma garrafa de cerveja na mão e o elefante. Aí foi uma confusão! O elefante entra no meio das mesas. Aqueles embriagados mexendo no elefante, dando cerveja pro elefante. (Guto)

Se de um lado existia um clima de tensão da ditadura, do outro os jovens buscavam formas de dar vazão aos impulsos criativos. “Todos nós com muito tesão pela vida, vontade de criar coisas. E era assim que a gente fazia nessa época”, afirma Ednardo.

O NOVO (E ANIMADO) VIZINHO

Também foi em 1972, ano em que Ednardo se despediu de Fortaleza, que Carlos Imperial⁸ veio a capital do Ceará. Ao chegar, o então famoso apresentador de TV procurou Guto para pedir que reunisse os intelectuais da cidade, pois gostaria de conhecê-los. Guto, por sua vez, telefonou para Cláudio Pereira:

— Pereira, Carlos Imperial está aqui e pediu para conhecer os intelectuais da cidade. O que a gente faz?

⁸. Apresentador de TV, compositor e produtor musical. Um dos idealizadores do movimento musical Jovem Guarda e autor da canção “Mamãe passou açúcar em mim”, sucesso na voz do cantor Wilson Simonal.

— Ótimo! Ele vai conhecer a nata da intelectualidade. A gente se encontra às dez da noite, no Bar do Anísio. Vou combinar com o pessoal. — respondeu Cláudio, animado.

Carlos, porém, acabou passando da hora, atrasando-se. Quando Guto finalmente chegou com o visitante ao bar, já passava de meia noite. Todos começaram a beber cedo e, a essa altura, já estavam bêbados. Cláudio Pereira estava “literalmente capotado” (palavras de Guto), dormindo em cima da mesa. Carlos Imperial, surpreendido com a cena, perguntou: “São esses os intelectuais?”.

De repente, eles começaram a recobrar a consciência. Pereira acordou agitado, querendo conversar. Apresentaram-se ao convidado cordialmente. Tudo corria bem até que alguém falou: “Imperial, você escreve em tantos jornais e revistas. Me [sic] diz quem é o seu ghost writer⁹!”.

Aí ele ficou indignado! (Ele respondeu:) “Eu não tenho ghost writer! Eu sou o intelectual! E vocês, o que fazem? Um bêbado dormindo, o outro não sei o quê.” Aí começou a escuthambar literalmente um por um! E o pessoal começou a frescar (brincar) muito com a cara dele. (risos) (Guto)

No dia seguinte, Imperial foi procurar Guto no jornal, buscando uma explicação para a noite anterior:

— Guto, como é que você diz que vai reunir os intelectuais e pega aqueles bêbados?

— Rapaz, o Millôr não bebe? O Ziraldo? O pessoal d’O Pasquim¹⁰? Então... Tava todo mundo lá. Você demorou, marcou às dez e chegou à meia noite. Eles beberam. — respondeu Guto, divertido.

Dois anos antes da vinda do apresentador a Fortaleza, em outubro

9. Escritor-fantasma, em português. Pessoa que escreve textos sem receber o crédito de autoria, que fica para quem o contrata.

10. O Pasquim foi uma publicação semanal brasileira, publicada entre 1969 e 1991, que se opunha ao regime militar e reunia importantes jornalistas, escritores e desenhistas da época – como os citados Millôr Fernandes e Ziraldo.

de 1970, Cláudio Pereira havia se mudado para a casa vizinha à do Anísio. Ou melhor, para a casa vizinha à vizinha do Anísio. As duas residências eram separadas apenas pela Churrascaria Laçador, propriedade de um imigrante gaúcho.

Cláudio, porém, não foi sozinho para a nova morada. Para dividir os custos e a vida, o amigo Roberto Aurélio (o hippie de Augusto Pontes) foi viver com ele na Avenida Beira-Mar. Os dois já se conheciam do Banco do Nordeste, onde estagiaram juntos no setor de Comunicação. Por meio de Cláudio, Roberto (ou marrom, como era chamado por Pereira) conheceu toda a “patota divina” – nome dado por Cláudio aos jovens culturais da cidade. *Marrom*, que não sabe dizer o porquê de tal apelido, começou a frequentar o bar no final dos anos 1960, por influência do amigo.

Depois de se mudarem para a Beira-Mar, a dupla passou a bater ponto no Anísio. Todos os dias, eles passavam para tomar uma cervejinha e conversar com o vizinho. Morar ao lado da farra era cômodo. Já não era preciso esperar por caronas ou ter de dirigir depois de generosas doses de álcool. Bastava sair de casa e dar poucos passos, nem mesmo atravessar a rua se fazia necessário.

Rapidamente, a casa dos rapazes também se tornou local de movimentação e festas. De maneira similar a Anísio, que fazia da residência bar, a dupla começou a incorporar na própria casa o espírito boêmio.

A nossa casa virou um botequim também. Era muito aberta. Às vezes, as pessoas pediam emprestado pra transar na sala. Ninguém prestava atenção no que os outros faziam. Não era um motel, mas as pessoas podiam ficar namorando sem problemas. (Roberto)

A arquitetura era bem simples. Quando chegaram ali, nem forro tinha. De cada lado da fachada havia uma janela e no meio ficava a porta – como nos desenhos de casinha que as crianças fazem. Uma janela pertencia ao quarto de Cláudio e a outra à sala de estar. Após a

sala, no começo do corredor, havia o único banheiro da casa, à direita. Logo em seguida, à esquerda, o quarto de Roberto.

A casa acabou se transformando no segundo Anísio. Quem frequentava o bar, também frequentava o Cláudio – e vice-versa. Pereira costumava animar qualquer espaço que frequentava. A casa dele, portanto, era um lugar de muitas festas. Tudo era motivo de comemoração e galhofa. Nos dias 14 de julho, celebrava-se a Queda da Bastilha. Cláudio pendurava uma faixa na frente de casa com os dizeres: “Liberté, Equalité, Fraternité”. Chamava os amigos e festejavam juntos esse grande marco da história ocidental, com o detalhe de que todos deviam ir vestidos de franceses.

Outro motivo para reunir os amigos era o concurso Garota Cultural – invenção do Pereira que acontecia uma vez ao ano. Ele e um grupo de jurados escolhidos por ele votavam na garota que receberia o título. Alguns dos critérios de seleção eram: nunca ter lido “O Pequeno Príncipe”, ter certa noção cultural e ser bonita.

“Era uma grande gozação com meninas metidas a intelectuais. A vencedora ia ganhar não sei quantos quilos de livro. Era muito irônico”, recorda-se Isabel Lustosa, que foi vencedora do concurso algumas vezes. Segundo ela, a votação era “a maior mentira”, pois Pereira inventava um time de jurados que, no final das contas, não votavam em nada. Isabel já era Garota Cultural antes mesmo de começar o concurso.

A entrega do troféu “Chama do Saber” era, talvez, o momento mais descontraído. Na hora da premiação, todos no Anísio cantaram a música “Nos Braços de Isabel”, de Silvio Caldas, que dizia:

*Nos braços de Isabel eu sou mais homem
Nos braços de Isabel eu sou um deus.
Os braços de Isabel são meu conforto
Quando deixo o cais do porto
Para viver os sonhos meus.*

Isabel se lembra desse dia como uma grande “farra”. “Um momento muito bacana e engraçado. Era um tempo de muita loucura.” Isabel começou a frequentar o bar ainda menor de idade, aos 17 anos, por influência do irmão mais velho e companheiro de casa de Cláudio, Roberto Aurélio. Isabel saía à noite com o grupo de amigos do irmão, que logo se tornaram amigos dela também. “Mas amigo mesmo era o Pereira. Era pra ver o Pereira que eu ia. Se ele não tivesse, talvez eu não me animasse tanto.”

Isabel não bebia nessa época, nem fumava. Ia ao bar apenas para conversar e se deixar envolver pelo clima criativo do ambiente. O desejo da jovem era ser intelectual como os amigos. “Queria ser a emergente e não a gostosona”, diz Isabel, de forma divertida. Apesar de ser desejada pelos frequentadores por causa da beleza, ela queria ser admirada pelo humor, por ter lido Machado de Assis e conhecer “todas as letras de música”.

“Queria ser igual a eles, ser a camarada. Acabei sendo, porque ficava lá e não acontecia nada”, diz, referindo-se ao fato de que não dava trela às paqueras. Na transição da adolescência para a fase adulta, Isabel ainda tinha certos complexos e problemas de auto-estima, como a maioria das jovens nessa idade, e não levava a sério o título de Garota Cultural, interpretando tudo como uma grande brincadeira.

O concurso costumava acontecer no Bar do Anísio, onde se juntavam as mesas, formando uma mesa enorme para os jurados. Guto se lembra de que todos estavam sempre embriagados, ocorrendo situações inusitadas e engraçadas.

Os genros do Anísio moravam lá e tinha aqueles meninos nus, de praia, andando... Aí na hora de julgar, na maior polêmica do mundo, botavam o menino nu em cima da mesa. (Guto)

A ida de Pereira para a Beira-Mar marcou um novo momento do Bar do Anísio. Em vez do ambiente tranquilo da década de 1960,

propício para tocar violão, compor e conversar, no início dos anos 1970 o bar se transformou numa grande festa.

Anísio já fazia parte da recém-fundada Escola de Samba Ispaia Brasa. Às sextas-feiras, parte da bateria ia para o bar fazer uma roda de samba descontraída. Os músicos iam porque gostavam de tocar no ambiente. Não eram contratados para animar os clientes. A única coisa que recebiam, ao final da noite, era um caldo de peixe que Anísio preparava.

Em 1973, Ednardo, Rodger e Teti lançaram no Rio de Janeiro o disco “Meu corpo, minha embalagem, todo gasto da viagem”, ou “Pessoal do Ceará”, como ficou conhecido. Entre as 10 faixas do disco, incluem-se as canções “Cavalo-Ferro” e “Beira-Mar”, citadas neste livro. No encarte, os cearenses homenagearam o Bar do Anísio como espaço que contribuiu para o surgimento de composições e amizades. O texto da capa interna inicia-se assim:

Impossível dizer como tudo começou. Poderíamos partir dos shows do Instituto de Física da Universidade Federal do Ceará. Poderia ser a Escola de Arquitetura, que tornou-se [sic] o ponto de realização das “tertúlias-etílico-lítero-musical e badernosas”. Poderia ser o Bar do Anísio, onde se bebia todas as fossas, todas as alegrias e se aguardava o sol.

No mesmo ano em que Anísio recebia essa homenagem dos amigos distantes, o vizinho querido Cláudio Pereira sofria um acidente voltando de Recife. Havia viajado com o amigo e artista plástico Alano Freitas para passar dois dias na capital pernambucana, com o intuito de acertar a primeira exposição individual de Alano, produzida e incentivada por Pereira.

Na volta, no dia 13 de novembro, Cláudio voltava dirigindo e se sentia um pouco cansado, mas decidiu não parar o carro. Cochilou ao volante e capotou a 5 quilômetros de João Pessoa. Alano ficou cinco dias hospitalizado. “Eu fiquei monstruoso. Quebrei a cara to-

dinha“, lembra.

Já Cláudio passou cerca de 40 dias em coma. Saiu do hospital sentado na cadeira de rodas que o acompanharia até o fim da vida. Perdeu todos os movimentos da cintura para baixo. Para se tratar, Cláudio deixou Fortaleza em busca dos melhores médicos. Chegou a ir ao Estados Unidos, onde teve contato com os mais modernos aparelhos adaptados a paraplégicos, inclusive automóveis.

Só que ele nunca sequer movimentou a própria cadeira de rodas. Ele teve vários motoristas. Botava anúncio no jornal, exigindo que o cara fosse bonito, letrado, forte e mais num sei o quê lá. (risos) Ele era um eterno brincalhão. (Alano)

As rodas de samba continuaram a acontecer no bar, mas o número de celebrações diminuiu. Com o principal animador cultural longe, a farra perdia um pouco a graça e as festas temáticas não mais aconteciam.

Essas festas eram o Cláudio Pereira. Enquanto as outras pessoas queriam fazer livros, não sei o quê, essas brincadeiras eram só com ele. Quando ele se acidentou teve uma pausa nisso, mas depois ele voltou com toda força. (Sérgio)

Pereira passou cerca de dois anos fora. Voltou à adorada Beira-Mar em 1975, quando Sérgio – que já havia morado um tempo com Cláudio e Roberto – decidiu mudar-se de vez para a casa dos amigos. “Quando ele volta, pinta a casa de branco com bolas azuis e ela fica aberta o tempo todo, sem negócio de chave nem nada”, diz Alano.

Nesse mesmo ano, de 1973, entrou em vigor o II Plano Nacional de Desenvolvimento do Brasil (II PND), lançado pelo Presidente Ernesto Beckmann Geisel (1974-1979) em setembro de 1974. A principal finalidade do plano era tornar o País autossuficiente, esti-

mulando a produção de alimentos e de energia. Mas a reestruturação da rede urbana nacional também estava incluída no II PND.

No Nordeste, a principal medida foi ordenar a ocupação da orla marítima. Fenômeno que já vinha acontecendo em outros países e em regiões do Brasil. Isso implicou em incentivo ao setor hoteleiro e ao desenvolvimento imobiliário nas orlas das grandes cidades.

Com o estímulo nacional, iniciaram-se as construções de grandes prédios na Avenida Beira-Mar. As construtoras começaram a vislumbrar na orla uma possibilidade turística de grande potencial, com exemplo de cidades como o Rio de Janeiro, onde a praia é o principal atrativo turístico.



Anos 1950. Em primeiro plano, a Volta da Jurema e, à direita, toda a extensão da Beira-Mar. Foto do site Fortaleza Antiga.



Praia do Mucuripe, no final da década de 1960. Foto do blog Sobral em Foto.



Beira-Mar nos anos 1970. Foto do blog Sobral em Foto.



Beira-Mar com fuscas estacionados, nos anos 1970. Foto do blog Sobral em Foto.



Dona Augusta na fachada da casa-bar, ainda sem o nome “O Anísio – Peixada” escrito. Acervo Roberto Aurélio.



Fachada do bar, com as gaiolas de Anísio penduradas. Acervo Roberto Aurélio



Fachada do bar. Acervo Familiar.



Nísia na parte de fora do bar. Anísio ao fundo, do lado direito. Acervo Familiar.



*Avenida Beira-Mar. No canto esquerdo, pedacinho da fachada do Anísio.
Acervo Roberto Aurélio.*



Fachada do Bar do Anísio. Acervo Familiar.



Anísio e dona Augusta em frente ao bar. Acervo familiar.



Dona Augusta e dois frequentadores do bar: Eloy e Siebra ("Maguim")*. Acervo Familiar.

*Não souberam informar o nome completo, nem demais informações das pessoas na foto.



Dona Augusta, sentada mais à direita, e Nísia em pé, com um colar de cruz. Festa da padroeira Nossa Senhora da Saúde. Acervo Roberto Aurélio.



Anísio sentado. Marisa abraçando a "Pingo", outra frequentadora do bar.
Acervo Familiar.*



Mesa cheia no Anísio. Elias Forte de óculos ao lado de Helder*, que está rindo. Na cabeceira, Cláudio Pereira. Acervo Familiar.



Ataliba em pé de óculos. Um dos inimigos do ritmo sentado, com o violão. Acervo Familiar.



Esquerda para direita: Elizete*, Marisa com o copo na mão, abraçando Anísio (sentado) e "Pingo". Acervo Familiar.



No Anísio. Isabel Lustosa, quando ganhou o troféu de Garota Cultural, e Cláudio Pereira, sentado. Acervo Familiar.



Da esquerda para a direita: Maria Zélia, Airam, Annuzia, Mineiro sentado e os Inimigos do Ritmo. Não se sabe quem são os outros homens. Acervo Maria Zélia.*



À esquerda, Isabel Lustosa de cabeça baixa. Ao lado de Isabel, a jornalista Ângela Borges. No cabeceira, Cláudio Pereira. Todos no Anísio. Acervo Roberto Aurélio.



Casa do Pereira no início dos anos 1970. Acervo Roberto Aurélio.



Anísio, Alídio e dona Augusta. No dia em que Alídio entrou na marinha, antes de ir para o Rio de Janeiro. Acervo Familiar.



Nísia desfilando na Ispaia Brasa, em 1973, com vestido desenhado por Descarte Gadelha. Acervo Familiar.



Anísio, Graça, Cláudio Cysne e Nísia em desfile da Ispaia Brasa, em 1973. Acervo Familiar.



*Graça desfilando na Ispaia Brasa.
Acervo Familiar.*



Casa do Pereira em meados de 1970. A casa está pintada com as cores da França e com a faixa em comemoração à Queda da Bastilha. Acervo Roberto Aurélio.



Sérgio Pinheiro na frente da casa do Pereira com a tela chamada de "Mãe", que hoje pertence ao Cláudio Pereira. Acervo Sérgio Pinheiro.



No ateliê que Sérgio organizou no próprio quarto, na casa do Pereira. Acervo Sérgio Pinheiro.



Roberto escrevendo a letra da música “Franciscana”, parceria com Ednardo. De macacão jeans, é o carioca Sérgio Redes e segurando a máquina de escrever é o músico Tarcício Albuquerque, de Quixadá. Acervo Ednardo.



Alano no Rio de Janeiro, quando Cláudio se recuperava do acidente, em 1975. Da esquerda para a direita: Coty (mãe de Cláudio Pereira), Alano, Alja Maria (irmã de Alano) e Maria Júlia (irmã de Cláudio), mais à esquerda, segurando a cadeira de rodas. Acervo Alano Freitas.



Anísio, Graça e dona Augusta, no aniversário de 15 anos da Graça.



Dona Augusta, Anísio, Graça, Raimundo Muniz (pai de Anísio) e Airte (madrasta de Anísio), no aniversário de 15 anos da Graça. Acervo Familiar.



Audísio, Graça e dona Augusta, no aniversário de 15 anos da Graça. Acervo Familiar.



Anísio e Emília Augusta no bar. Acervo Familiar.



Ednardo em estúdio, durante a produção dos discos Massafeira, em 1979. Acervo Ednardo.



Dona Augusta desfilando de baiana na Mocidade Independente do Mucuri. Acervo Familiar.



Da esquerda para a direita: Anísio, Nísia e Graça. Dona Augusta sentada no meio segurando o neto, Felipe. Foto tirada em meados de 1980, nas vésperas do bar ser vendido. Acervo familiar.



Anísio e dona Augusta celebrando as bodas de ouro. Acervo Familiar.



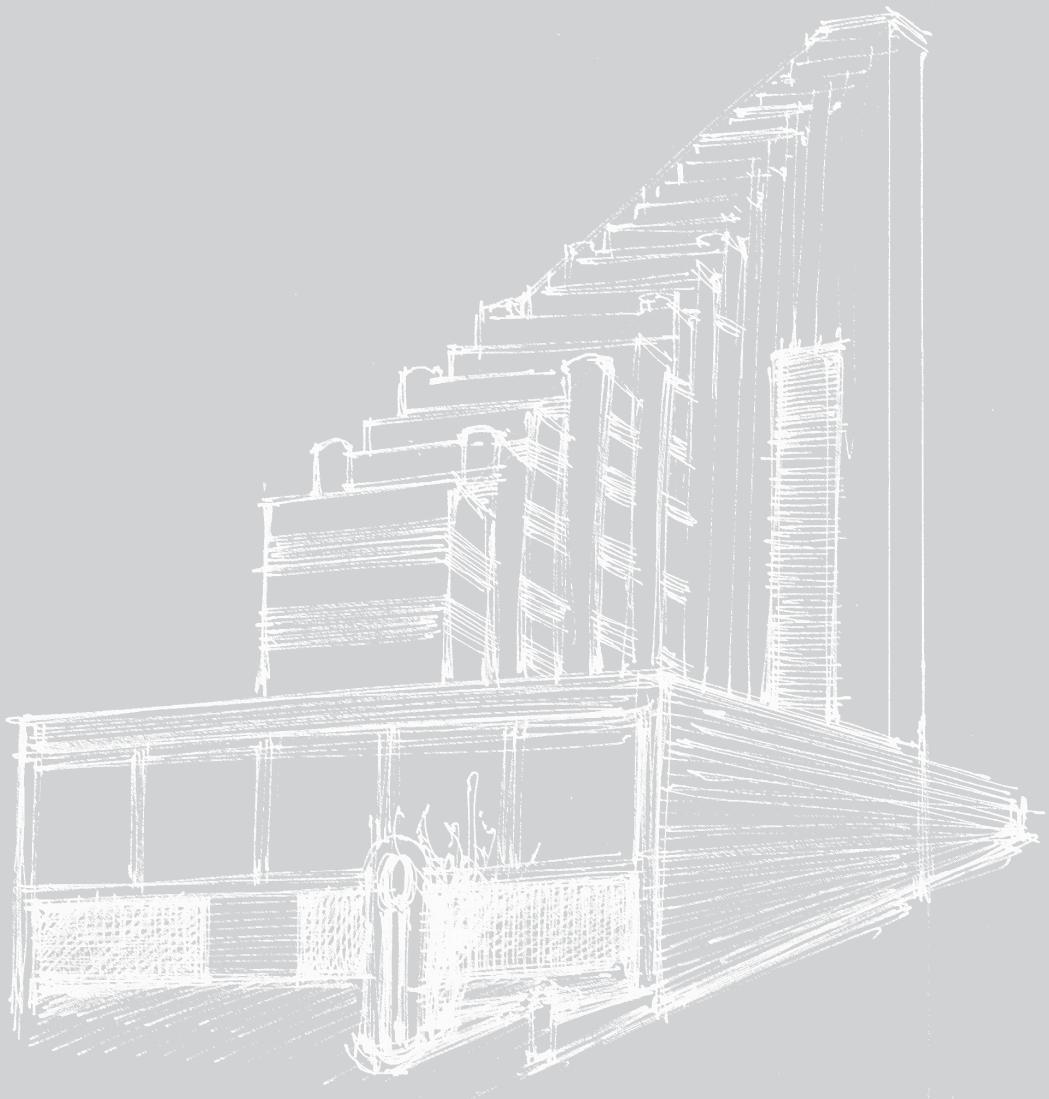
Anísio com o estandarte da mocidade, em frente ao bar. Acervo Familiar.



Dona Augusta, Cláudio, Martine, Nísia e Sandra*. Aniversário do Cláudio (não se sabe a data). Acervo Familiar.



Nísia, Martine, dona Augusta e Cláudio. Aniversário do Cláudio (não se sabe a data). Acervo Familiar.



TERCEIRO CAPÍTULO

A SEGUNDA METADE DOS ANOS 1970 foi um momento de transição do Bar do Anísio. As festas continuaram, assim como as rodas de samba, mas sem alguns dos principais frequentadores, que começaram a deixar Fortaleza. Depois da primeira leva (de Fausto, Rodger e Augusto) agora seria a vez de outro grupo ir embora. Em 1976, Annuzia, Maria Zélia e Denise se mudam para São Paulo para cursar mestrado juntas na USP, passando a visitar Anísio apenas nas férias. No mesmo ano, Olga também passa a ir ao bar com menos frequência.

Frequentei de 1965 a 1976. Quando começou a virar moda, já não tinha muita graça. Chegou gente que não tinha nada a ver. Duma hora pra outra, a cidade que era tranquila perdeu esse espírito. Eu também já trabalhava e estudava. Os meninos todos (refere-se aos amigos do bar) tinham ido embora. (Olga)

Também em 1976, Flávio voltou a Fortaleza. Chegou ao aeroporto e foi direto ao Anísio, buscando matar as saudades dos amigos, da cerveja gelada e da brisa da praia. Continuou frequentando por algum tempo, mas logo parou de ir, por motivo similar ao de Olga. Segundo ele, o bar “ganhou outro público” e estava mais lotado do que nunca. Às vezes, ficava tão cheio que não havia lugar para se sentar.

O Anísio gostou, porque venda... Ele era dono de bar! Não era seresteiro, nem boêmio. Ele nem bebia. Então o bar foi consumido pela cidade. Era outro público. Não era mais aquele pessoal de esquerda. Era um negócio... Como é que é? Pagode! A gente nem gostava. (Flávio)

As rodas de samba dos ritmistas da Ispaia Brasa, que tanto agradavam a uns, acabou por “expulsar” outros. Augusto, que chegou de Brasília no final dos anos 1970, já graduado em Comunicação Social, também não voltou a frequentar o bar como antigamente. Talvez pelo som do pandeiro e da cuíca, que interferia nas conversas de que tanto

gostava, ou porque os amigos já não mais estavam ali.

Rodger também já estava de volta à Terra da Luz, mas agora passando por um momento de abstinência etílica. Tinha decidido parar de beber por um tempo (que durou cerca de sete anos) e, por isso, não ia mais a bar algum. Nem mesmo ao Anísio, que começava a perder parte de uma clientela outrora fiel.

Em 1977 – ano em que a garota cultural Isabel deixa definitivamente Fortaleza para viver no Rio de Janeiro, e Roberto Aurélio vai estudar em Paris, deixando os amigos Cláudio e Sérgio na casa da Beira-Mar –, o então governador do Estado (1975-1978), José Adauto Bezerra, inicia uma das obras mais importantes de Fortaleza: a construção do interceptor oceânico. O projeto, orçado em 90 milhões de cruzeiros (moeda da época), beneficiaria mais de 500 mil pessoas, que ainda utilizavam o antigo sistema de fossas, e deteria o processo de poluição das praias.

A obra do interceptor começava nas proximidades do Iate Clube e seguia até a Rua Padre Mororó, na Leste-Oeste, interceptando todos os cursos d’água compreendidos nesse trecho. A extensão total era de aproximadamente 12 quilômetros, com tubulação de até 2,5 metros de diâmetro. A construção do interceptor começou no dia 15 de março de 1977. Marco de uma nova cidade que começava a surgir, transformando-se numa metrópole que já estava com mais de um milhão e 200 mil habitantes.

As obras – segundo reportagem publicada no jornal *O Povo* no dia 2 de outubro de 1976 – não molestariam a população em “hipótese alguma”. Mas, no dia 5 de março de 1977, poucos dias antes do início da construção, o mesmo jornal publicou que a obra do interceptor seria feita na lateral da Avenida Beira-Mar. Isso mudava os planos, tornando necessário que o trecho fosse interditado para tráfego de veículos.

A Beira-Mar interditada foi a pior coisa que aconteceu pra gente. O papai não tinha outra renda. O dinheiro que entrava saía. Aí Beira-Mar foi inter-

ditada pro interceptor. Quebraram a Beira-Mar toda. Foi horrível. (Nísia)

Com a avenida interditada, o acesso ao bar foi fechado. Os amigos e os fregueses mais próximos davam um jeito de estacionar o carro nas redondezas e ir andando até lá. Mas, ainda assim, a queda no movimento interferiu brutalmente na renda de Anísio, que teve de conter gastos para manter o estabelecimento funcionando. “O Bar do Anísio ficou em decadência, porque ninguém podia mais ir de carro”, lembra Brandão.

A obra durou aproximadamente dez meses. Tempo recorde que deu ao governador Adauto Bezerra o título de responsável pela “obra do século da capital cearense” – como o interceptor oceânico ficou conhecido na imprensa. Mas tempo suficiente para prejudicar a vida dos moradores e donos de estabelecimentos da Beira-Mar.

Candidato a Governador pode sair em fevereiro

Aos rémios (Foto: divulgação) de Brasília, onde o candidato a governador do Distrito Federal, Dr. Adauto Bezerra, se encontra com o presidente da República, o general Ernesto Geisel, para tratar sobre a sucessão presidencial. Na foto, os dois homens conversam. O presidente não se sentou, mas, ao lado, o governador Adauto Bezerra.

Políticos manifestam-se sobre sucessão

Urgente (Foto: divulgação) de Brasília, onde o candidato a governador do Distrito Federal, Dr. Adauto Bezerra, se encontra com o presidente da República, o general Ernesto Geisel. No topo, uma fotografia mostra o presidente Geisel e o governador Adauto Bezerra.

Tereira é eleito comissário de desportos (Foto: divulgação)

Brasília (Foto: divulgação) que Israel poderá voltar atrás na sua decisão de deixar o Brasil. A informação é de que o presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, Dr. José Tereira, votou a favor da aprovação da proposta de lei que autoriza o governo a recontratar o ex-presidente da Argentina, Dr. Isabel Perón, para que este volte ao Brasil.

Magalhães não aceita anexação

Brasília (Foto: divulgação) que o presidente da Assembleia Legislativa do Piauí, Dr. Magalhães, não aceita a anexação do Piauí ao Ceará. A informação é de que o deputado federal Dr. José Tereira, que votou a favor da proposta de lei que autoriza o governo a recontratar o ex-presidente da Argentina, Dr. Isabel Perón, para que este volte ao Brasil.

Em Goiás, Senna é eleito presidente

Brasília (Foto: divulgação) que o deputado federal Dr. Senna, presidente da Assembleia Legislativa do Piauí, foi eleito presidente da Confederação Nacional dos Deputados Federais.

Uma prova (Foto: divulgação)

Brasília (Foto: divulgação) que a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no interior de São Paulo, realizou ontem, entre 10h e 12h, a prova de ingresso para o ano letivo de 1978. A prova teve duração de 2 horas e 30 minutos.

Provas e gabaritos

Brasília (Foto: divulgação)

Escola Técnica inicia a seleção

Brasília (Foto: divulgação)

Novo fôrum (Foto: divulgação)

Brasília (Foto: divulgação)

Brasília

Fortaleza, Ceará, Brasil — Terça-feira, 10 de janeiro de 1978

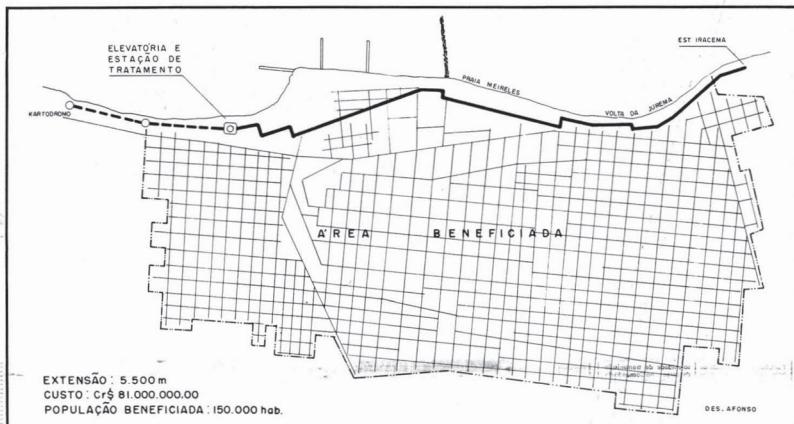
FORTALEZA MAIS SANEADA A PARTIR DE HOJE

De pequena cidade, de hábitos simples, quando foi construída uma modesta rede de esgotos, Fortaleza cresceu e mudou nesses últimos 50 anos. Hoje, sua população supera 1 milhão e 200 mil habitantes. Seu tamanho é de metrópole.

Mas, somente agora, passados todos esses anos, Fortaleza recebe os benefícios de uma nova rede de esgotos. Enquanto essa gigantesca obra do GOVERNO ADAUTO BEZERRA não chegou, toda a cidade passou por esse problema: o da construção de fossas nas proximidades do local onde existem cacaibas ou poços, poluindo águas e gerando doenças as mais diversas. Agora, isso vai acabar.

A primeira etapa do Interceptor Oceânico ligará 120 quilômetros de rede coletora, beneficiando mais de 150 mil pessoas. Para a zona Leste da cidade, as fossas deixarão de existir, e nossas praias ficarão despoluídas, do Mucuripe à Barra do Ceará. Uma grande obra que fica enterrada para sempre. Mas que zelará pela saúde do fortalezense para o resto de sua vida.

Hoje, às 17 horas, no Poço da Draga, por trás da Secretaria da Fazenda, você é convidado para assistir à inauguração da OBRA DO SÉCULO. Prestigue esta festa que é sua.



OS BENEFÍCIOS DO INTERCEPTOR

- Tornar todas as praias Leste da cidade altamente balneáveis, acabando com a poluição.
- Canalizar para as Estações de Pré-Condicionamento de Esgotos os dejetos recolhidos pelas redes secundárias.
- Beneficiar nada MENOS DE 500 mil pessoas que ainda hoje utilizam o sistema de fossas.
- Acabar com a contaminação dos lençóis freáticos.
- Evitar a propagação de moléstias infeciosas oriundas da deficiência de sistema de esgotamento sanitário.
- Coletar as águas pluviais e os rios existentes em todo o seu percurso e que são importantes veículos de poluição.
- Evitar o escoamento para o mar de esgotos da parte central da cidade.
- Acabar de uma vez por todas com a utilização dos diversos tipos de fossas domésticas.
- Enfim, dotar Fortaleza de um moderno sistema de transporte e destinação final dos resíduos líquidos.

GOVERNO ADAUTO BEZERRA Realizando o Desenvolvimento Planejado

SECRETARIA DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS



CAGECE — Saneando o Ceará

Obra executada pelo consórcio



Apóio integral da:

- Secretaria de Planejamento da Presidência da República.
- Plano Nacional de Saneamento do BNH
- Fundo de Água e Esgoto do Ceará.

O POVO

Fortaleza, Ceará, Brasil — Terça-feira, 10 de janeiro de 1978

13

Aaduto inaugura hoje primeira etapa do interceptor

A primeira etapa do interceptor oceânico, este controlada numa extensão total de 5.500 metros, será inaugurada às 17 horas, de hoje, pelo governador Adauto Bezerra, em solenidade a se realizar por trás da Secretaria da Fazenda.

Em todo o conjunto de obras que constituirão o interceptor oceânico estão sendo aplicados recursos de ordens de R\$ 817 milhões provenientes de empréstimos junto a Secretaria de Planejamento da República, Fundo de

Águas e Esportes do Brasil e Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico que até o mês de maio próximo a obra interceptor-emissário estará totalmente concluída.

Além do Governo estarão presentes a ministra de Fazenda, o governador, os diretores da área de saneamento do BNH, Secretário de Estado, representantes parlamentares, do clero, autoridades militares, entre outras autoridades, e a estação elevatória intermédia, que possibilitará o lançamento ao mar de todo o material, devolvendo

tratado, coleto pelos 120 quilômetros da rede de esgoto já construídos.

LOCALIZAÇÃO
O interceptor oceânico inicia no Avenida Beira Mar, junto a estação de tratamento, mais precisamente no Rio Capivari, seguidos pelo caisão da praia, avendendo para a Praia de Iracema, e segue paralelo ao Rio Capivari, com as avenidas Aiquidauá e Peixe Anta. Após uma nova deflexão, desta vez a direita passa pelo Rio Roberto Góradot (ao lado dos muros da RFFSA), rumando

finalmente pela Avenida Litorânea, até a sua foz no Padreiro, onde fará junção com o emissário submarino. Os cinco mil e quinhentos metros da extensão da obra foram divididos em 100 trechos de tubos de concreto cujos diâmetros variaram de 1,75 a 1,5 metros.

Quanto ao emissário submarino está previsto para atingir o fundo do mar a uma profundidade de 15 metros, de um total de 3.200 metros, de tubulação de aço, conforme informações emitidas pelo Secretário de Obras do Estado, Luis Marques, responsável pela execução dos trabalhos.

Máquinas de fazer tijolos do Rondon foram reativadas

Foram reativadas no último domingo as atividades das duas máquinas de produção de tijolos do Conjunto Industrial Rondon, que vêm beneficiando os moradores da comunidade residencial implantada há mais de dois anos. A capacidade de produção é de 2.000 tijolos por hora.

As máquinas implantadas no Conjunto Industrial Rondon foram instaladas no ano de 1970, sendo operadas por funcionários do Serviço Social da Família (SSF) que, com a finalidade de melhorar as condições de vida das famílias, iniciaram a produção de tijolos.

Segundo informação de Francisco José da Costa, gerente do trabalho das Máquinas, foram produzidos cerca de 150 mil tijolos, seja dois tipos de moelas levadas para a fabricação, que são: o reconstituido de tijolos e o de argila. O Conjunto Industrial Rondon foi paralisado, por questões de falta de energia, e um defeso nas máquinas.

A parte que cabe a cada família é uma unidade de produção para

quantidade suficiente para a sua subsistência, e que é feita com a ajuda da Fundação e vendida à população.

As máquinas implantadas no Conjunto da Jurema, nas imediações de Caucaia, têm capacidade de produção de 1.500 tijolos por hora. Mais de 100 famílias da comunidade residencial Rondon, que tem em sua maioria casas construídas com tijolos e argila, estão manejando pelas famílias ali residentes.

O trabalho das máquinas é realizado de forma manual, maneira tal que dará oportunidade a todos os moradores da comunidade de produzirem os tijolos.

As famílias que participam da produção das máquinas, São Francisco, Caucaia, Jurema e Paracuru, durante um período de seis meses, conseguiram uma etapa de vida digna, que é dividida entre os que participaram daquele projeto e os que não.

A parte que cabe a cada família é uma unidade de produção para

que ele execute as suas tarefas domésticas, ficando sempre uma assistente social encarregada de supervisionar as obras.

E O PALMEIRAS?

LEIA
FAME
SÓ
SABADO

Não é somente o problema da falta de iluminação. Os pedestres também também permanecem ao longo dos viadutos

Viadutos da Leste-Oeste às escuras

Os dois viadutos da Avenida Leste-Oeste só dão iluminação noturna por conta das refletores queimados, deixando acentos que grande parte da noite é escura. O presidente da Companhia de Construções e Manutenção do Município, Fernando Tavares, disse que a instalação de árvores de praças não é vantagem para os pedestres que usam os viadutos, da FEB (lado a presidente) e da Serraria (lado a Senador Fernandes Tavares), e que, portanto, não pode ser considerado que a instalação de árvores seja uma desvantagem. O presidente da Companhia de Construções e Manutenção do Município comentou com O POVO.

PERMANECE DE PEDESTRE

O Departamento de Trânsito garante a presença de pedestres nos viadutos. De acordo com o diretor de Trânsito, o dia pesado se debrucam sobre os viadutos, mas os pedestres, na contemplação das árvores, se protegem das reflexões. Tudo se, geralmente, deixa de ver. O diretor garante que pode muito bem haver perigo de morte de pedestres devido ao reflexo.

Para o fato chamar a atenção do Barão, pois os pedestres pressionam por reformas, o prefeito respondeu:

O problema viria se agradando desde o inicio da estrada passada, quando os pedestres se queixaram de que os

refletores queimados e quebrados.



Este refletor foi inclusive forçado para traz. Se não houver vigilância, poderão até mesmo serem roubados

5a. FEIRA NA UNIMAO

Jornal O Povo - 10.01.1978

AGUARDE,
QUE FORÇA ELA TEM!

PARQUE INFANTIL TIRADENTES COLÉGIO TIRADENTES COLEGIO AGAPITO DOS SANTOS

"Escolas que colocam entre os maiores benefícios a BOA EDUCAÇÃO"

MATERNAL — JARDIM E ALFABETIZAÇÃO

1º. GRAU COMPLETO (1a. a 8a. SÉRIE)

2º. GRAU — NORMAL E CONTABILIDADE

3º. GRAU — ORIENTADO PARA O VESTIBULAR

FAÇA UMA PESQUISA E VEJA SE ESTAS UNIDADES ESCOLARES PODERÃO MERECER A SUA CONFIANÇA.

MATRÍCULAS INICIADAS

OBS: MANTÉM TRANSPORTE PRÓPRIO

INFORMAÇÕES:

Rua Pedro I, 1106 — Fone: 231.5569

Av. Tristão Gonçalves, 1409 — Fone: 231.5134

Logo que a via foi liberada, em janeiro de 1978, Anísio voltou a vender as cervejas e as biquaras fritas. Aos poucos, conseguiu recuperar parte do dinheiro e dos fregueses perdidos durante o período em que a Beira-Mar ficou interditada. Era um momento de esperanças não só para o dono do bar, mas para toda a juventude que vinha lutando por liberdade política e de expressão.

No final de 1978, às vésperas do fim do mandado, o presidente Ernesto Geisel tomou uma das últimas (e mais significativas) medidas do seu governo: a revogação do AI-5. Essa decisão representava um passo em direção à redemocratização e à abertura política no Brasil, que foram levadas adiante no governo do sucessor João Baptista Figueiredo (1979-1985).

Ao mesmo tempo em que se comemorava tal decisão, Sérgio deixava Fortaleza para estudar Artes Plásticas na Universidade de Paris. Cláudio Pereira passa, então, a morar sozinho na Beira-Mar. Na realidade, solidão é um sentimento que Cláudio provavelmente desconhecia. Sempre havia alguém na casa dele, de dia ou de noite. Os amigos eram muitos e o local de liberdade que Pereira criou, ao lado do Anísio, atraía a todos. Mas, apesar das companhias constantes, Cláudio agora morava só. Mas não por muito tempo.

*

Em 1979, Martine Kunz chega a Fortaleza. A jovem francesa, nascida na pequena cidade do norte Grand-Fort-Philippe, estava fazendo um doutorado na Sorbonne sobre cultura popular do Nordeste do Brasil. Veio a Fortaleza com a intenção de viajar pelo Cariri, no sul do Ceará, e fazer a pesquisa de campo sobre poesia popular.

Havia estado no Brasil três anos antes, com uma amiga, a passeio. Juntas, conheceram mais de seis estados, entre eles o Ceará – que encantou Martine especialmente. Por coincidência (ou não), durante os estudos em Paris, Martine conheceu Roberto Aurélio que, ao saber

que a nova amiga se mudaria para a cidade natal dele, sugeriu logo que ela se hospedasse na casa de Cláudio.

— Morei com ele durante muitos anos. É meu grande amigo e, com certeza, vai te receber muito bem. O endereço é o número 4028, da Avenida Beira-Mar. — disse Roberto.

Martine, que já havia viajado pelo Brasil como mochileira e aos 30 anos era bastante destemida, não pensou duas vezes. Arrumou as malas, pegou o avião e foi direto para a casa de Cláudio. Num tempo em que internet era tema de ficção científica e celular também, avisos prévios não eram tão obrigatórios. Ela chegou meio de surpresa, ao amanhecer do dia 5 de novembro, e foi recebida com surpreendente receptividade, coisa típica do anfitrião.

Mas, com Martine, Cláudio foi um pouco diferente. Já nas primeiras horas após a chegada, ficou claro que aquela visitante não seria como as outras. Clichês e pieguices à parte, foi literalmente amor à primeira vista. Logo nos primeiros dias, Martine desistiu de ir ao Cariiri para ficar com o novo amor em Fortaleza. “Eu fiquei logo apaixonada por ele. É uma história bonita”, diz Martine, emocionada.

Após o acidente em 1973, os médicos tinham dado seis anos de sobrevida para Cláudio. Ou seja, ele estava no último ano quando a jovem francesa chegou. “Mas não era o último ano. Ele tinha uma vitalidade extraordinária. Uma esperança”, conta Martine. Cláudio não morreria naquele ano, nem tão cedo.

Rapidamente, Martine se integrou ao novo ambiente. Começou a frequentar o Bar do Anísio com Cláudio, a conhecer os inúmeros amigos e participar das festas corriqueiras. No quarto de hóspedes, no qual inicialmente se hospedou, havia uma grande quantidade de típicas cadeiras de bar empilhadas. Todo fim de semana, as cadeiras de metal saíam de casa e iam para o outro lado da avenida, formando uma mesa enorme que crescia à medida que os amigos iam chegando.

Se faltasse gelo, bastava atravessar a rua e buscar. Se batesse a fome, o Bar do Anísio estava logo ao lado e era de praxe jantar a biquara frita

preparada por dona Augusta. Se o bar estivesse muito cheio, levavam o peixe na travessa para comê-lo na casa de Cláudio e depois voltavam para devolver o recipiente vazio. O movimento era esse.

A fronteira entre público e privado, em ambas as casas, era móvel. Tanto Cláudio como Anísio gostavam de receber os amigos e deixá-los livres para agir como bem entendessem. Apesar de não ter feito da casa bar, como o vizinho, Cláudio agregou à moradia aspectos típicos de um botequim, com movimento constante de pessoas entrando e saindo a toda hora.

O Cláudio ficava feliz em ver gente. Parecia que sempre que uma pessoa chegasse era algo insubstituível. Um modo de ser com o outro acolhedor, mas sem formalidade. Uma coisa tão plenamente humana. Tão naturalmente acolhedora. (Martine)

Outra similaridade entre Anísio e Cláudio era o comportamento liberal dos dois. Não havia preconceitos. Pessoas das mais diversas crenças e origens eram recebidas da mesma maneira aberta e acolhedora de ambos. E essas pessoas se apropriavam do espaço da maneira que achassem melhor, geralmente de forma alegre e descontraída.

“As pessoas se integravam nessa leveza, nessa luz da Beira-Mar, nesse pôr do sol na jangada, nas pedras, as peixadas”, lembra-se Martine, que se apaixonou pela orla de Fortaleza. Talvez por essas (e outras) semelhanças, Cláudio tenha se tornado amigo fiel de Anísio até o fim da vida, compartilhando momentos diários.

NOVA FASE POLÍTICA — E ETÍLICA TAMBÉM, POR QUE NÃO?

Nas vésperas de 1980, o governo ainda era ditatorial, mas já

caminhava para a redemocratização. No dia 15 de março de 1979, Virgílio de Moraes Fernandes Távora voltou a governar o Estado do Ceará (1979-1982)¹¹. Na nova gestão, o político incentivou a construção de arranha-céus na Beira-Mar, buscando concretizá-la como espaço turístico. Pequenos restaurantes e residências de pescadores começavam a se transformar em grandes prédios residenciais e hotéis luxuosos.

No mesmo dia em que Virgílio Távora assumia o Governo do Estado, iniciava-se em Fortaleza um dos maiores eventos de artes ocorridos na cidade: a Massafeira Livre. No cartaz, criado por Brandão, lia-se as palavras som, imagem, movimento e gente. O que resumia bem o espírito daquela juventude, que agora já passava (e muito, em alguns casos) dos 20 e poucos anos.

A Massafeira representava a concretização do que, durante anos, foi idealizado, conversado e sonhado no Bar do Anísio. Um verdadeiro movimento catalisador de grande parte das ideias e das vontades acumuladas ao longo da década de 1970. Nos dias 15, 16, 17 e 18 de março de 1979, o Theatro José de Alencar, no Centro, foi tomado por artistas e espectadores e ocupado por obras de teatro, cinema, literatura, artes visuais e, principalmente, pela música.

A direção artística era de Ednardo, a produção de Augusto Pontes e a participação de cerca 300 artistas, que se reuniram no teatro ao longo dos quatro dias de feira livre – entre eles, o poeta Patativa do Assaré. Praticamente todos os frequentadores do Anísio prestigiaram o evento de cima do palco ou embaixo, na plateia.

“Como se fosse o carnaval mudando de data e mais verdadeiro” é uma das melhores definições da Massafeira. A frase está impressa na capa do álbum gravado após o evento, no estúdio CBS, no Rio de Janeiro. Mais de 100 músicos foram ao Rio participar da gravação do disco duplo, que foi lançado no mesmo teatro do evento, em ou-

11. Virgílio Távora também governou o Ceará de 1963 a 1966.

tubro de 1980.

A Massafeira marcava o fim de um período não só cronológico, mas cultural e político. Poucos meses depois, no dia 18 de agosto de 1979, o presidente João Figueiredo promulgaria a Lei da Anistia, que concederia anistia a todos os presos políticos entre 1961 e 1979. Era o primeiro sinal de despedida da ditadura militar e, coincidentemente ou não, do Bar do Anísio.

*

O início da década de 1980, que ficaria conhecida como a “década perdida”, graças à estagnação econômica vivida na América Latina, chegou com uma notícia triste para os mais apegados: o fim da TV Ceará, Canal 2. No dia 18 de julho de 1980, devido à cassação da concessão pelo governo militar, a TV Ceará (e outras emissoras do Grupo Diários Associados) encerrou as atividades. Chegava ao fim o período de programas de auditório – um dos poucos espaços de exposição da música autoral cearense.

Em outubro do mesmo ano, o disco Massafeira foi lançado no Theatro José de Alencar. Para celebrar a gravação, o teatro recebeu diversos shows ao longo de quatro dias, numa espécie de segunda edição do evento de 1979 – que, na realidade, jamais se repetiria.

A verdade é que a grande maioria dos realizadores da Massafeira e dos frequentadores do Bar do Anísio estava entrando num novo momento da vida. Não eram mais universitários com tempo livre para dedicar à boemia e às noites à beira-mar. Já haviam adentrado a “vida adulta” com todas as responsabilidades implícitas a essa nova fase.

“Foi ficando mais difícil encontrar as pessoas. Todos velhos, casados, estavam menos boêmios, com carreiras mais sucedidas”, conta Isabel Lustosa. Realmente, alguns já estavam casados com filho, como Annuzia, que se apaixonou durante o mestrado em São Paulo e voltou a Fortaleza grávida com aliança no dedo.

Outros seguiam trabalhando fora de Fortaleza – como Ednardo e Fagner, que na década de 1980 gravou praticamente um disco por ano – ou não se interessavam mais pela antiga boemia. Rodger, por exemplo, parou de beber por sete anos e, consequentemente, de ir aos bares.

Os casamentos, os filhos, os compromissos foram nos tornando mais caseiros e o fluxo foi diminuindo. Cheguei a emprestar dinheiro ao “barrigudo” (Anísio) para comprar o estoque de cerveja do dia, depois resarcia a grana bebendo as geladas durante dias. (Delberg)

Paralelo ao “envelhecimento” – aspas porque ninguém estava velho, apenas adultos – dessa geração, uma nova conjuntura política e comportamental se estabelecia no Brasil. Enquanto a ditadura começava a abandonar o País, a nova juventude estava mudando e buscando outros tipos de distração.

Espaços tranquilos, familiares, propícios a longas e acaloradas conversas já não era o alvo dos jovens. Novos bares e boates começavam a surgir na cidade enquanto a Beira-Mar caía nas mãos de grandes construtoras. Verdadeiros paredões foram erguidos nas décadas de 1980 e, principalmente, de 1990, formando sobre a praia uma sombra que se mantém até os dias atuais.

*

Em abril de 1983, Martine havia ido embora de Fortaleza. Aquela paixão arrebatadora por Cláudio não encontrava espaço na casa da Beira-Mar, sempre tão cheia de tudo e todos. Aquela era a “casa do Pereira” (como define Martine), tinha a marca dele e dos amigos.

Uma relação privilegiada amorosa nesse contexto era muito difícil de encontrar lugar. Nem o Cláudio estava preparado pra isso, nem os amigos. Porque eu vinha e mudava de certa forma as regras do jogo. (Martine)

O casal chegou, então, a um momento de reflexão. Concluíram que o melhor era que eles se separassem por um tempo. Martine arrumou as malas e fez um pedido de nomeação no Ministério das Relações Internacionais da França para trabalhar em outro país. Através de um contrato de cooperação, foi dar aulas de francês num colégio da Argélia. Mas, ao contrário do que previa, Cláudio se manteve mais próximo do que nunca.

“Não é sempre assim com os namorados? Basta afastar-se pra ver que quer ficar junto?”, brinca Martine. Durante o ano que passou fora, Cláudio escrevia constantemente para a amada. Segundo ela, ele esteve “muito mais” presente nesse período do que quando moraram juntos na “casa do Pereira”.

Os meses iam passando e Martine se frustrava cada vez mais com a cooperação na Argélia, que, para ela, tinha “um gostinho” de colonialismo disfarçado. Gostava do país e do que fazia, mas o racismo e a desconfiança dos colegas de profissão e nacionalidade a incomodavam muito.

Além disso, já se sentia a presença de um islã mais radical e, consequentemente, uma insegurança em ser uma estrangeira naquele país. Conclusão: depois de um ano e meio, Martine rompeu o contrato de cooperação. Decidida a reatar com o grande amor, voltou ao Brasil.

Pisou novamente em terras alencarinhas no final de 1984. Dessa vez, porém, não foi recebida na casa da Beira-Mar. Cláudio havia comemorado o último natal à beira da praia em 1983. Como a casa era alugada, não teve escolha: o proprietário pediu que ele se retirasse, pois venderia o imóvel. No lugar, subiria um hotel de luxo e Anísio perderia mais um vizinho – quiçá o mais especial e próximo deles.

O que se apresentava como possível solução para as crises de Martine e Cláudio – que já não teriam de lidar com o estigma da “casa do Pereira” e poderiam criar um espaço só deles – era também o fim de uma calçada com mesas compridas e despretensiosas. Quan-

do Martine chegou da Argélia, foi direto do aeroporto para o novo lar, no bairro Castelo Encantado.

Com a mudança na paisagem da Beira-Mar, os bares deixando de ser simples casinhas de pescadores e transformando-se em edifícios de luxo, o sossego e a graça daquela região começam a esvaecer. A Beira-Mar vai se descaracterizando aos poucos e o *point* passa a ser a Praia de Iracema – que já era bastante frequentada pela boemia, mas, no início dos anos 1980, ganha maior popularidade.

Ainda em meados dos anos 1970, grande parte do público do Anísio começa a frequentar o bar e restaurante Estoril, um prédio de dois andares construído na década de 1920, inicialmente intitulado de Vila Morena. Nos anos 1940, foi transformado em cassino por militares norte-americanos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Somente em 1952, já com o nome de Estoril (uma cidade portuguesa), tornou-se bar.

Por algum tempo, a clientela se dividiu entre o Anísio e o Estoril, administrado pelo dono Zé Pequeno. Às vezes, passava-se nos dois bares numa só noite. Mas, com a transformação da Beira-Mar em polo turístico, a Praia de Iracema começou a se tornar mais atrativa. Para o grupo de fregueses do Anísio, que gostava de se sentir livre para tocar violões e discutir assuntos polêmicos, o Estoril era o perfeito substituto do Bar do Anísio.

Enquanto a Beira-Mar era invadida por obras e, literalmente, comprada por grandes construtoras, a Praia de Iracema (PI) se estabelecia como espaço dedicado à boemia, com bares e restaurantes para todos os gostos. Essa característica atraía o público mais velho e o mais jovem, famílias e boêmios.

A PI também sofreu com a “invasão” do turismo. Mas, diferentemente da Beira-Mar, ela teve (e ainda tem) uma Associação de Moradores (Amphi), fundada em 1984, que contou com forte participação de intelectuais e artistas na luta pela preservação do bairro. Por mais que as construtoras também chegassem ali visando ao cres-

cimento de mais um polo turístico, a PI tinha uma resistência fiel.

Ainda nos anos 1980, como resultado dessa pressão popular, a Praia de Iracema é reconhecida como patrimônio histórico da cidade e designada como Zona Especial (ZE) – Área de Interesse Urbanístico. Assim, os moradores e os frequentadores do bairro buscaram deter o processo de verticalização que já ocorria em grande parte da cidade, especialmente na Beira-Mar.

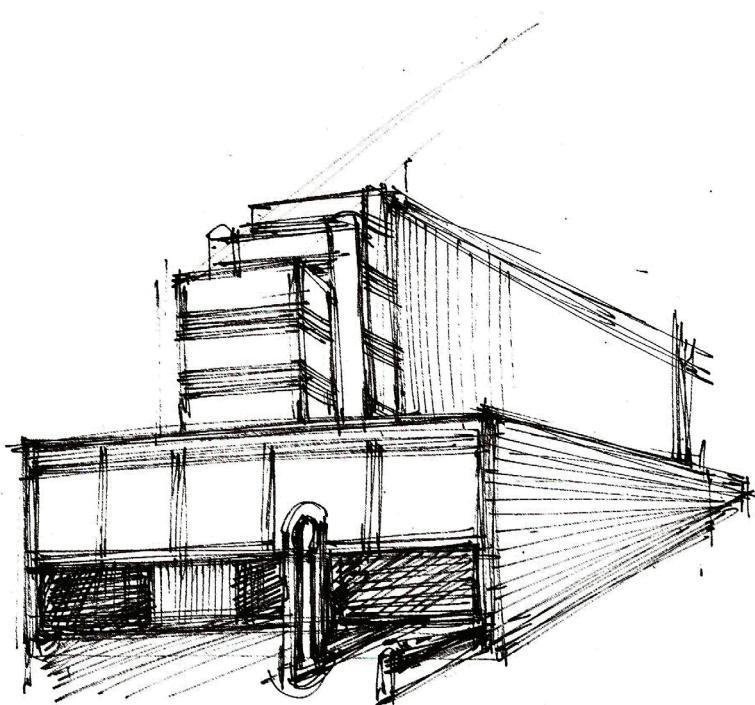
O BAR FECHA E UMA NOVA BEIRA-MAR SURGE

Havia mais de duas décadas – 24 anos, para ser mais precisa – que a Beira-Mar tinha como inquilino o Bar do Anísio. Durante esse período, o espaço recebeu inúmeros fregueses; foi testemunha de diversas composições e discussões; embriagou muitos e acolheu outros que não faziam questão de beber; serviu um cardume de biquaras fritas; e não sei quantas garrafas das cervejas Astra e Brahma. Durante 24 anos, o Bar do Anísio foi a segunda casa de um enorme grupo de cearenses inspirados.

Depois as opções passaram a ser outras e o Anísio foi fatalmente abandonado. A conjuntura do momento desapareceu e não teve outro público que o sustentasse. (Pedrão)

Ao dizer que a “conjuntura do momento” havia desaparecido, Pedro Álvares, o Pedrão, deixa claro que o Bar do Anísio serviu, durante a ditadura, como refúgio dos “transgressores”. Nas palavras de Pedro, Anísio acolheu, durante anos, pessoas de “cabeça mais aberta” que estavam descobrindo novas coisas num tempo em que “não era nada fácil”. Agora, o regime militar chegava ao fim e o bar, também.

Em março de 1985 – mês em que acabou o mandato de Figuei-



redo e, consequentemente, a ditadura –, a casa-bar foi vendida. O contrato foi firmado com a família Bezerra, que ofereceu cerca de Cr\$ 200 milhões pelo espaço – quantia que Anísio nunca vira antes. O bar já não tinha o movimento de outrora. Ao redor, estava subindo um paredão de prédios. Para completar, Anísio ainda não se tinha recuperado financeiramente do período em que a Beira-Mar ficou interditada para a construção do interceptor oceânico. Vender o bar era a única solução possível para a família Muniz naquele momento.

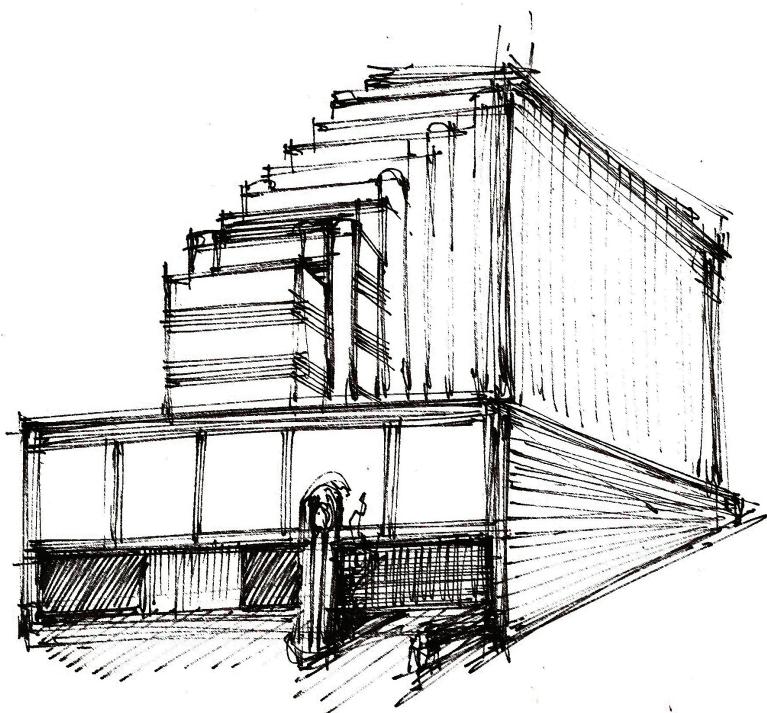
Rogaciano Leite Filho – ou Roga, como era chamado carinhosamente pelos amigos – era um fiel frequentador do Anísio e escrevia para o jornal *O Povo* à época. Nas vésperas da venda da casa de Anísio, fez um texto carregado de afeto em homenagem ao bar, publicado na parte inferior da página 15, no dia 6 de janeiro de 1985.

No título, “O Anísio: a história afetiva de uma geração”, Roga deixa explícita a importância daquele espaço para um grupo (bem grande) de jovens cearenses. Como prova disso, ele reuniu a opinião de 11 frequentadores sobre o término do bar, além de expor a própria tristeza com a situação.

“No local, será erguido um novo edifício, sepultando de uma vez parte da memória cultural cearense”, diz, logo no primeiro parágrafo. Esse edifício se chamaria *Scala*. Um *flat* moderno de 26 andares e 226 apartamentos no total – obra da Construtora Marquise.

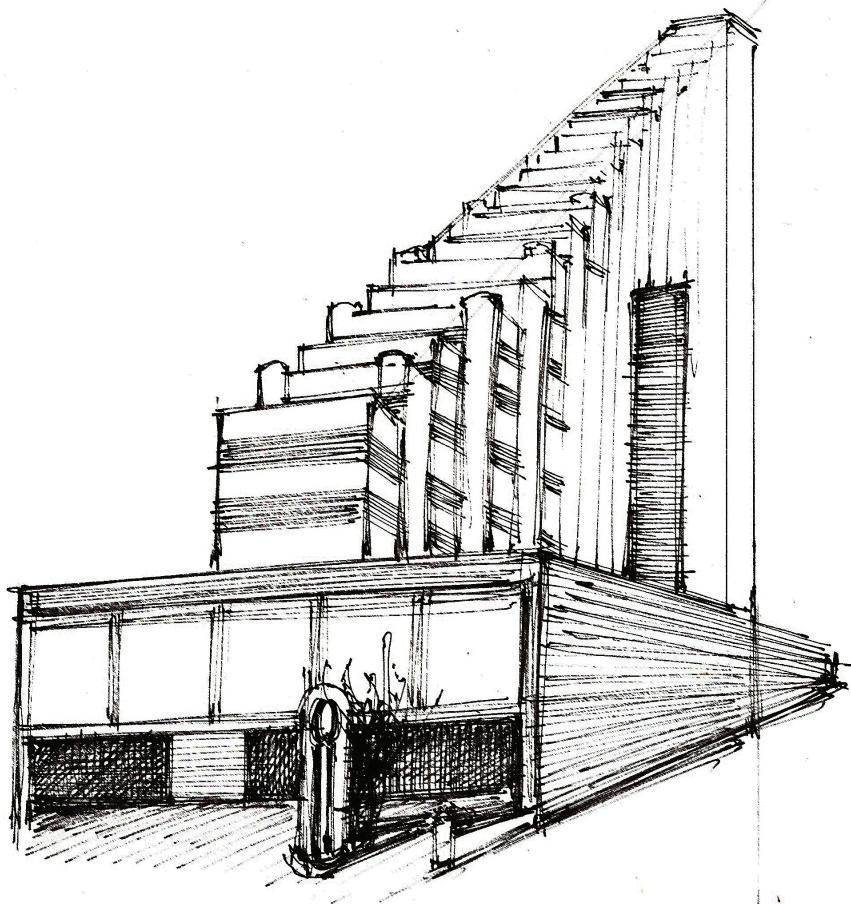
Quando o Anísio foi vendido para a construção de um prédio, a cidade sentiu sua enorme perda. Era uma nova Beira-Mar que estava surgindo. Rica, moderna, com seus edifícios portentosos e arrogantes, desfigurando nossa memória e desfazendo sonhos. (Pedrão)

Augusto Pontes, na matéria de Roga, disse apenas: “Tomara que o Anísio ganhe uma boa nota....” A frase irreverente, que pode ser interpretada como isenta de emoção, foi, na realidade, a forma que Augusto encontrou para expor a indignação que sentia. Naquele



momento, só restava desejar que Anísio fosse bem remunerado. O contrato já estava assinado. Não havia mais o que fazer.

Perder o Bar do Anísio para a construção de um prédio era devastador para a memória afetiva dessa geração. “O Anísio é um pouco da história recente de uma cidade sem memória”, disse Cláudio Pereira, na matéria de Roga. A frase do ex-vizinho carrega certo peso dramático, mas, sobretudo, traduz de forma realista o descaso com a preservação da história local – traço típico da cidade.



NOVA CASA, NOVO BAR?

A verdade é que a situação do Bar do Anísio já estava “péssima” há algum tempo, como o próprio dono definiu na matéria de Roga. “Quase não dá para sustentar a família. O movimento caiu”, disse. Além do pouco movimento, Anísio tinha desenvolvido um quadro de diabetes e se sentia bastante cansado. A rotina pesada do bar, de passar noites em claro trabalhando, já não seria fácil de levar como antes.

Vender a casa renderia um bom dinheiro para começar do zero em outro lugar. A vontade de Anísio era a de comprar um sítio e morar um pouco distante de toda aquela confusão da Beira-Mar, que agora estava mais movimentada que nunca. Mas Nísia insistiu que não deixassem o Mucuripe. “Eu disse para ele que eu não saía do Mucuripe, porque eu sou apaixonada por esse bairro, sou louca. A vida da gente foi aqui”, diz.

Nísia acabou por convencer o pai. Ela, Graça, Anísio e dona Augusta encaixotaram todos os pertences e fizeram a mudança para a Rua Córrego das Flores. A nova localização ficava próxima ao Morro Santa Terezinha e, o mais importante, perto da praia. Bastava atravessar a Avenida Abolição para chegar à Beira-Mar.

Pouco tempo depois da mudança, Nísia pediu ao pai: “Vamos montar um bar aqui? A ideia, além de simples saudosismo, visava a contribuir com a renda familiar. Anísio havia conseguido a aposentadoria como inválido, por causa da doença em grau avançado, e dona Augusta dedicava-se a cuidar do lar. Graça e Nísia estavam sustentando a família.

De início, a sugestão pareceu meio absurda. “Aqui não vai dar certo, minha filha”, disse Anísio. Mas Nísia insistiu, juntou um dinheiro e montou o bar no andar de cima da casa. “Aí todo mundo ajudou. Cláudio Pereira trazia o pessoal, fazia bingo. Cada pedaço disso aqui é de uma pessoa. Todo mundo ajudou a fazer”, conta.

O convívio diário durante anos fez de Anísio e Cláudio grandes

amigos. Apesar de não morarem mais na mesma rua, Cláudio continuou muito próximo da família Muniz, ajudando no que fosse preciso e possível. A relação deles era, nas palavras de Martine, “muito fiel”. “Era muito leve, parecia muito sem compromisso. Mas, na verdade, o tempo mostrou que essa leveza não era sinônimo de superficialidade”, diz, sem esconder a admiração pela amizade dos dois.

O bar reunia grande parte dos antigos fregueses. Graça começou a ajudar na cozinha e já conseguia fazer uma biquara tão boa quanto a da mãe. “É verdade que era muito gostosa, mas tinha sabor de passado”, define Martine. Apesar dos amigos frequentarem o novo bar, o movimento já não era como antigamente. Não tinha como ser.

As noites do Anísio sempre eram marcantes, alegres, familiares. Você ia pra lá sempre com a certeza de encontrar amigos. Tal expectativa nunca se frustrava. Quando se mudou para o caminho do Santa Terezinha, continuei freqüentando, mas já não era a mesma coisa. (Pedrão)

A nova localização do Bar do Anísio, segundo Delberg, deixou de ser atraente para os demais e só os saudosistas passaram a frequentar mais assiduamente. “A rua estreita, sem vista para a praia, a pouca disposição dele (Anísio) causada pelos anos de trabalho... Foi o fim”, diz, entristecido.

É verdade que o atual endereço não era atraente o suficiente para conquistar uma nova clientela. Mas, talvez, a real intenção nem fosse criar um novo point. Talvez a vontade de montar outro bar fosse fruto do desejo de reunir amigos e nada mais, como uma desculpa para matar as saudades e reviver um passado nem tão antigo assim.

O bar continuou funcionando até meados de 1990, quando Anísio entrou num estado mais grave de saúde. Além da diabetes, ele desenvolveu um quadro de hipertensão e problemas cardíacos. E o clima receptivo e festeiro, típico da família, cedeu lugar aos cuidados com o patriarca.

Era o fim definitivo do Bar do Anísio. Com ele, foram-se as mesas “sem fim”, os concursos de garota cultural e as irreverentes discussões políticas, culturais e/ou etílicas madrugadas adentro. Foi-se também a ideia de bar-casa, onde o dono adota os fregueses como filhos e participa das conversas como amigo. Os boêmios de hoje (se é que ainda existem) já não podem se dizer sabedores da boemia, pois não conheceram o Anísio.

— Garçom, pode fechar a conta, por favor.

*

A saudade que eu tenho do bar é das pessoas, porque era um grupo muito unido, a convivência era grande. Eu sinto falta da praia, da tranquilidade. Todo dia, antes de ir pro cursinho, eu trocava de roupa, ia pra praia, tomava banho, fazia minha ginástica, voltava... Desse banho de mar, eu tenho saudade. Da praia, praia limpa, praia boa. E sinto falta das pessoas, porque eu gosto muito, sabe? Eu tenho saudade deles, das conversas. Hoje é tão difícil encontrar as pessoas e parar pra conversar e tudo. Coisa que antigamente não precisava nem a gente ir atrás, a gente encontrava.

Nísia Muniz

*

A casa, que durante a infância dela tinha vista para o mar, hoje fica atrás dos trilhos da Via Expressa Parangaba-Mucuripe. Combinei de me encontrar com Nísia, para uma primeira conversa, em novembro de 2011. “Chego depois das 19h”, ela disse, e me passou as coordenadas.

— Indo pela Avenida Abolição, vira à direita, depois à esquerda passando pelos trilhos até chegar à Rua Córrego das Flores.

O nome da rua é lindo. Os conselhos que me deram, não. “Você

vai sozinha ali? De noite? Cuidado, Isabela. É perigoso!”. Ouvi tantos “cuidado” que até cheguei a ficar preocupada. Mas não o suficiente para desistir da minha visita. Não mesmo.

Fui caminhando pela Beira-Mar do Clube Náutico até a finda da sorveteria 50 Sabores, que fechou para dar lugar a sabe-se lá que construção. Optei por ir a pé, em vez de ir de carro. No trajeto, os prédios, os turistas, os pedintes, os que se exercitam, o barulho dos carros e dos restaurantes: tudo me jogava na cara que meus pés pisavam numa Beira-Mar bem diferente da de Nísia.

Por volta das 19h30min, ela me esperava, como combinado, no restaurante que fica diante dos trilhos, bebendo pacientemente uma água sem gás. Não sabia a idade de Nísia, mas se tivesse de chutar um número, deixando de lado a razão, diria que tem os mesmos 20 e poucos que eu. Transborda juventude. Olhos que sorriem, apesar de toda a saudade que carregam em si.

Um sorriso, um abraço contido e fomos andando juntas até a casa. “Aqui é ótimo de morar. Conheço todo mundo”. Cuidado?

O córrego das flores é animado. Forró na trilha sonora, comércio, bares. Um deles, o de Nísia e Graça. Mais para receber os amigos e tomar uma cervejinha do que para gerar lucro. Sentamos à mesa e começamos a conversar. Conversas cheias de lembranças, juventudes e amor.

Nísia me contou histórias do antigo bar à beira-mar, de como começou e como terminou. Contou-me do pai e melhor amigo Anísio, mostrando-me fotos da família. Nos papéis, imagens de sorrisos, beijos, momentos de uma Beira-Mar que ficou parada na memória de uns, de poucos.

A conversa passou tão rapidamente que me assustei ao perceber que já estávamos ali havia mais de uma hora. Entre gargalhadas e lágrimas saudosas, a filha de Anísio abriu as portas da memória para mim. Compartilhou lembranças de uma infância-adolescência que não volta mais. Nem precisaria voltar. Tudo o que tinha de ser vivi-

do o foi. Sem arrependimentos.

Despedi-me com a promessa de voltar (e voltei) para outras conversas, na certeza de que aquela história precisava ser contada e disposta a fazê-lo. Caminhei novamente pela Beira-Mar, em direção a minha casa. Dessa vez, carregando uma nostalgia no peito que, se não era minha, agora passava a ser. Saudei o pé de oiti com o sorriso singelo de quem compartilha um segredo. A árvore sorriu de volta. Naquele instante, apenas nós duas sabíamos do Anísio.

ÚLTIMO CAPÍTULO
— Anísio —

NÃO CONHECI O ANÍSIO. Não sei como era seu jeito de andar ou de falar. Não posso afirmar com segurança o que o sorriso dele passava – se serenidade, alegria, entusiasmo ou qualquer outro sentimento. Não sei do cheiro que tinha, nem do tom da voz. Seria grave ou agudo? Minhas lembranças não incluem essa figura singular da boemia cearense. Ou melhor, não incluíam até eu iniciar este livro.

Entrei em contato com a história de Anísio como quem pede licença para entrar numa casa semi-aberta. Devagarzinho, respeitando o espaço do outro, mas deixando-me levar por meu sincero interesse. Assim, descobri um pouco sobre a vida desse pai, marido e, principalmente, amigo de tantos. Conheci-o através de olhares afetuosos e lembranças doces.

Descobri que Anísio nasceu em 1926. Ano em que o time Fortaleza venceu o 12º Campeonato Cearense de Futebol e Washington Luís foi eleito Presidente do Brasil – o último da República Velha. No dia 13 de março, o pequeno Anísio veio ao mundo, ou melhor, ao Arraial Moura Brasil. Essa região, localizada na costa oeste de Fortaleza, era um dos ambientes mais inóspitos para se nascer e viver na cidade.

O local era habitado principalmente por imigrantes do interior do Ceará, fugitivos de secas devastadoras e esquecidos pelos governantes. Durante as grandes secas do início do século XX, as autoridades do Estado tentavam impedir a entrada desses retirantes por meio de barreiras e confinamentos na fronteira da capital. Os que conseguiam burlar essa vigilância eram levados para o Arraial Moura Brasil, local que ficou conhecido como “curral”. Ali, os imigrantes tinham liberdade para fazer o que quisessem, contanto que não saíssem do território demarcado.

A família de Anísio, porém, escapava à regra. Não tinham vindo do interior. O pai era marinheiro descendente de português e trabalhava no antigo porto da Praia de Iracema. A mãe, cearense filha de pescador, era a típica dona de casa, mãe de sete filhos. Anísio puxou aos

traços maternos: pele morena e cabelos escuros. O oposto do pai, que tinha feições claramente lusitanas: branco dos traços mais afilados.

Bastante novo, Anísio teve de interromper os estudos para ajudar nas despesas de casa, deixando o colégio no terceiro ano do primário. Um dos empregos que teve foi na Ceará Rádio Club PRE-9, pioneira na radiodifusão do Estado, fundada em 1934. Não se sabe qual função exerceu ali, mas não durou muito tempo. Anísio logo deixou os estúdios de rádio para tornar-se ascensorista – ofício que durou cerca de 25 anos, até os elevadores do Diogo serem trocados pela movimentação do bar.

Foi em meio à correria de uma vida precocemente adulta e cheia de responsabilidades que o jovem Anísio descobriu o amor. Tinha apenas 18 anos quando conheceu Maria Augusta Pessoa, um ano mais velha. O encontro se deu no velório do noivo de Augusta, que acabara de falecer. Como era costume na época, Anísio foi “beber o velório” — mesmo sem conhecer o morto.

Encantou-se com a viúva, como se já soubesse do destino. Nos dias seguintes ao encontro inusitado, ele passou a vê-la cotidianamente no caminho do trabalho. A mãe de Augusta trabalhava na casa de Sara Gentil (onde hoje funciona a reitoria da UFC) e levava a filha junto. Sara era madrinha da dona Augusta e matriarca da família Gentil, dona do antigo banco Frota Gentil.

Anísio, que passava todos os dias em frente à casa, via no jardim a moça que conhecera havia pouco no velório. Seria coincidência ou alguma artimanha do tal destino? Ele não pensou muito, apenas aproveitou a sorte de reencontrar Augusta para começar a paquerá-la. Logo estavam namorando e, em pouco tempo, casaram-se.

Juntos, criaram cinco filhos: três mulheres e dois homens. A primeira, Maria de Fátima, veio como um presente, após dez anos casados sem conseguir ter filhos. Na verdade, o bebê recém-nascido foi entregue à mãe de Augusta. Mas esta faleceu pouco tempo após a chegada de Fátima, antes mesmo de registrá-la como filha. Augusta,

então, resolveu adotar a criança. A menina que seria sua irmã tornou-se, assim, a primeira filha do casal.

Cinco anos depois, veio o primeiro menino, Alísio, que aos 17 anos mudou-se para o Rio de Janeiro para seguir carreira na Marinha. Maria Nísia foi a terceira, um ano mais nova que Alísio. Aos quatro anos de idade, Nísia ganhou um irmãozinho, o Audísio. Estava montado o quarteto que, em 1957, sairia com Anísio e Augusta do Parque Araxá para a Beira-mar. No novo bairro, nasceu a terceira e última menina: Maria das Graças. O nome foi escolhido pela madrinha como promessa à santa xará, devido ao parto complicado de Graça.

A família, agora grande e completa, criou raízes no Mucuripe. A casa número 3988, com varanda que dava para a praia, tornou-se bar, onde Augusta exibia os dotes culinários. Quando o estabelecimento ganhou uma clientela maior, Anísio saiu do emprego no Edifício Diogo para ajudar a esposa na cozinha e na administração do espaço. O bar foi crescendo, conquistando uma freguesia fiel. Todos eram recebidos como amigos.

A verdade é que Anísio gostava de gente, de casa cheia. No coração, ainda restava muito espaço para outros filhos. Cinco não o preenchiam de todo. Logo tornou-se pai de uma geração. Jovens que iam ao bar tomar uma cerveja, comer a biquara frita feita por Augusta e bater um papo com Anísio, que passava as noites sentado com a esposa jogando cartas. Sem apostas, apenas pelo prazer de brincar com a amada.

O único divertimento que ele tinha era jogar baralho com a mamãe. Tinham essa mania. Se não tivesse ninguém no salão, ele botava a mesa no lado e ficava jogando, jogando. Tinha vezes que eu ia pro colégio, voltava e ele ainda tava jogando. (Nísia)

Apesar de dono de bar, Anísio não bebia. Ensinou aos filhos que não se deve consumir bebida alcoólica em local de trabalho. Como

dedicava-se ao bar quase 24 horas ao dia, não sobrava tempo para beber em casa ou em qualquer outro local. Aos domingos, porém, permitia-se relaxar um pouco e tomar a “bomba”, como os filhos a apelidaram. A bomba consistia num copo cheio de uma mistura de diversas bebidas que Anísio tomava de uma só vez. Pronto. Único consumo alcoólico da semana.

Outra atividade de lazer dos domingos era a rinha de galo. Os filhos não gostavam de ver o pai num ambiente de apostas como aquele. Mas ele dizia: “Vou só olhar”. E realmente ia. Não perdia um tostão, apenas observava e se divertia com a briga dos galos. Na volta, trazia duas pizzas grandes para os filhos, que já esperavam ansiosos o agrado paterno.

Também aos domingos, Anísio dedicava um tempo maior à cozinha, preparando o vatapá e a caranguejada típicos desse dia da semana. Acordava bem cedo para ir ao mercado e escolher a dedo todos os ingredientes. Na cozinha, não deixava ninguém ajudá-lo. Preparava tudo sozinho.

Ele fazia um caranguejo na cerveja. Todo mundo adorava esse caranguejo. Limpava de um por um, perninha por perninha. Fazia gosto você ver. Muito gostoso. (Nísia)

No início da década de 1970, Anísio descobriu uma nova paixão na vida: o carnaval. Edilson Rogério, dono da Casa Rogério (loja que vendia “de tudo” no Centro) e freguês do bar, acabara de fundar a Escola de Samba Ispaia Brasa. Ao lado do pintor Descartes Marques Gadelha, o empresário Carlito Pamplona e outros, Anísio recebeu o convite para participar da escola – e aceitou-o prontamente.

Graça era abre-alas; dona Augusta, baiana; e Nísia, porta-bandeira. Anísio ficava como diretor, auxiliando na execução do desfile. A família inteira participava da escola e ia aos desfiles.

Fomos a primeira família a entrar numa escola de samba, porque antigamente rapaz e moça que entrava em escola de samba era viado ou rapariga. Papai não. Ele disse: "tá todo mundo comigo e todo mundo vai".(Nísia)

Em 1979, a Ispaia Brasa faliu, devido à escassez de recursos. Anísio, agora aficionado por carnaval, cambiou para a Mocidade Independente do Mucuripe — vencedora do carnaval de rua de Fortaleza em 1982. Ali, permaneceu como diretor durante três anos, até a escola fechar também por falta de patrocínio.

Anísio era um homem afetuoso. No olhar dos que se reportam a ele, nota-se a presença de um brilho singelo, uma docura de quem foi marcado por alguém insubstituível. Entre seus fieis amigos, havia um grupo especial: os passarinhos. Criava-os na gaiola, o que incomodava a Nísia. “Na hora em que o senhor morrer, vou soltar esses passarinhos”, ela dizia. O curioso é que, apesar de presos, os bichinhos pareciam gostar de Anísio. Um, por exemplo, só cantava na presença do dono.

Durante cerca de 30 anos, Anísio morou na Beira-Mar. Durante 30 anos, recebeu em casa gente de direita, de esquerda, jovens, velhos, ricos, pobres, liberais, conservadores. A qualquer hora do dia, as portas estavam abertas para que qualquer pessoa pudesse entrar no bar-casa e sentir-se segura, acolhida.

Em 1985, já num período de menor movimento do bar e início de uma especulação imobiliária que transformaria o cenário de Fortaleza, Anísio deixou a casa na beira da praia e mudou-se para perto dos trilhos – ainda Mucuripe, quase Morro Santa Terezinha.

Não queria desfazer-se da casa. Não queria que o tempo tivesse passado e mudado tanto as coisas. Mas não havia muita opção. O valor oferecido pelo espaço à beira-mar ajudaria a família a pagar as despesas e ainda sobraria um pouco para se instalarem em outro local. Nessa época, Anísio já estava diabético e sem energia para seguir o mesmo ritmo de trabalho no bar. Vendeu a casa por cerca de Cr\$ 200 milhões – talvez menos do que merecia.

Todo dia faltando dinheiro. Aí chega um cara e oferece uma quantia que você nunca viu pela casinha, pelo espaço. Ele caiu nessa. Ninguém resiste. (Flávio)

Apesar de que vendeu a casa, ele deu, né? Deu que eu digo assim: ele vendeu por muito pouco, muito pouco! Mas deu pra comprar essa casa, ainda bem. (Nísia)

Mudou-se com Augusta, Graça e Nísia para detrás dos trilhos do Mucuripe (região conhecida como Via Expressa), onde viveu por mais 13 anos. Além da diabetes, Anísio também era hipertenso e doente cardíaco. No dia cinco de abril de 1999, às 12h30min, Anísio não resistiu à hemodiálise, falecendo de insuficiência renal. Nas vésperas do novo milênio, despediu-se dos amigos e da Fortaleza que tanto amou, deixando saudades de um tempo bom e espaços impreenchíveis no coração de muitos.

A presença de Anísio ainda paira pelos ares do Mucuripe. Hoje, quando caminho pela Beira-mar, sinto que a praia também quer me contar um pouco da saudade, que a brisa marítima deseja sussurrar ao meu ouvido histórias de um bar que ali existiu.

Anísio não me conheceu. Não sabe do meu interesse pela história dele. Não sabe que entrevistei amigos e familiares, pesquisei em livro e jornais, nem imagina que este livro existe. Morreu antes de tudo isso acontecer. Mas, curiosamente, sinto a presença dele como se ainda estivesse vivo. E, de alguma forma, nas páginas deste livro, ele o está.

O Anísio era um cara fantástico! Roberto Aurélio

Era uma pessoa maravilhosa! Eu era louco por ele. Todo mundo. E ele gostava muito da gente, sabe? A gente entrava e era uma casa misturada com bar. A gente dormia lá. Ele botava uma rede quando um ficava bêbado, sabe? Fausto Nilo

Ele era um tipo bonachão. Gordo. Como todo gordo bonachão, né? Barrigudo. Eu chamava ele de barrigudo. Extremamente calmo. Nunca vi o Anísio se alterar. **Flávio Torres**

O Anísio era muito bem humorado. Claro que em alguns momentos grosso com um ou outro frequentador. (risos) Era um homem forte, com jeito de pescador mesmo. A gente fazia e acontecia lá na casa dele. A gente também era os preferidos. (risos) **Rodger Rogério**

Ele gostava de comer exageradamente. Comer bem. Se orgulhava de umas coisas gostosas. Tanto ele como a mulher dele. A lembrança que eu tenho dele é essa. Andava sempre com a camisa desabotoada, meio à vontade. **Brandão**

A lembrança que tenho do Anísio é a de um paizão. O Anísio tratava a gente que nem umas princesas, e a dona Augusta também. **Annuzia Gósson**

O Anísio era uma pessoa muito interessante mesmo. Ele era tipo paizão da gente. Ele protegia a gente. **Ednardo**

O Anísio era um cara fantástico, porque ele deixava as pessoas ficarem muito à vontade. Formava-se uma mesa grande, umas 15, 20 pessoas naquele mesão. **Roberto Aurélio**

Tenho uma imagem do Anísio muito bonita na minha cabeça. Lembro de voltar a pé no final de tarde, de um domingo ou sábado, e me lembro do Anísio dançando... Ele dançava com as filhas samba de dois e me lembro dessa imagem. Pra mim ficou marcada, marcada! Essa coisa aconchegante de ver um pai dançar com a filha, na alegria, na frente do bar. **Martine Kunz**

Após a morte do pai, Nísia cumpriu com o prometido e soltou todos os passarinhos. Menos um, que já havia morrido poucos dias após o dono. O pequeno corrupião não resistiu à solidão de cantar numa gaiola sem a presença do amigo (e espectador fiel) Anísio.



O SABOR DOS ENCONTROS

Em todo lugar, a todo momento, há pessoas se encontrando. Em esquinas, shoppings, praias, bares – estes que, talvez, sejam os pontos oficiais dos encontros mais acalorados. É no bar onde nos sentimos convidados e à vontade para rir alto, falar besteiras e filosofar livremente.

Cheguei anos atrasada e não pude conhecer o Bar do Anísio. Mas, durante alguns encontros, voltei no tempo e sentei-me às mesas da Beira-Mar. Relato aqui impressões de alguns encontros inesquecíveis, desses que mudam um pouco (ou muito) a gente e que, definitivamente, mudaram o rumo deste livro.

*

Fausto Nilo foi o primeiro. Da lista de nomes, escolhi entrevistá-lo antes de todos porque, além de frequentador, ele é urbanista e poderia esclarecer dúvidas em relação à história da cidade.

Convidou-me ao escritório, onde conversamos por mais de duas horas. Como aprendi naquela tarde! Dei a sorte de Fausto ser um dos mais antigos e fieis fregueses do Anísio – o que não sabia ao escolhê-lo como o primeiro.

Emocionei-me ao ver o afeto que o músico e arquiteto tem por aquele espaço perdido, por aquele período da vida. Depois de um tempo, esqueci as perguntas que havia preparado, e a conversa foi ganhando um ritmo próprio – como se Fausto soubesse o que eu precisava mais do que eu mesma.

Ali, respirei o oxigênio necessário para prosseguir caminhando em direção ao Bar do Anísio. Agora eu sabia melhor que direção tomar.

*

Cheguei à casa da Annuzia ansiosa. Sabia que esta seria uma entrevista e tanto! Comi uma pizza com o filho e a nora, enquanto esperávamos Maria Zélia. Senti-me tão à vontade que, por momentos, me esqueci de que estava ali para uma entrevista. Parecia mais uma visita a uma família amiga.

Passaram-se muitos minutos, mais de uma hora, e nada da Maria Zélia chegar. "Vamos começar, então", propôs Annuzia, que tentava ligar para a amiga em vão. Já estávamos conversando há um bom tempo quando a campainha tocou. Era a Maria Zélia! Abraços, beijos, piadas, sorrisos... "Annuzia, me prepara uma dose de whisky". Voltou da cozinha com dois copos – fiquei de fora; o álcool poderia atrapalhar minha concentração, pensei.

Durante quase duas horas, diverti-me tanto com elas duas que, se pudesse, ficaria dias conversando. Mais modernas e alegres do que muitas meninas da minha idade. Saí de lá com um sentimento de gratidão tão grande por tê-las conhecido, por ter ouvido todas aquelas histórias, mas também com uma saudade do que não vivi! Que vontade de poder beber nas mesas do Anísio...

*

Flávio me recebeu na manhã em que houve a maior chuva registrada em Fortaleza nos últimos anos. Recém-saído do banho, bem à vontade em suas roupas brancas, me sorriu um sorriso carinhoso e me recebeu em casa pedindo que eu ficasse à vontade. Fiquei.

À medida que ele lembrava das histórias do bar, da juventude, parecia rejuvenescer e voltar no tempo. Um olhar de quem sente saudades, mas não tem o desejo de voltar atrás. Viveu tudo o que tinha pra viver.

Compartilhou comigo lembranças, histórias, sentimentos como um amigo antigo faz com o outro. Espontâneo e carinhoso.

Na despedida, depois de um suco de laranja, fez questão de me acompanhar até o elevador e esperá-lo comigo. "Qualquer coisa, só falar". Dei-

xou-se à disposição, com mais um sorriso e um aperto de mão. Desci os cinco andares com o coração feliz. Mais um grande freguês do Anísio.

*

Na ligação, a ideia era marcar o encontro para dali a dois dias. Mas a resposta à pergunta “qual o melhor dia para você?” foi “agora, daqui a uma hora lá na TVC, pode ser?”. “Pode, claro!”. Arrumei-me depressa e fui correndo para a TV que Guto Benevides preside. Fui recebida pela secretária Tâmara, aguardei poucos minutos na recepção e logo estava sentada diante dele, conversando sobre o Anísio.

Guto não revelou a idade e eu tampouco saberia dizer. Parece jovem, apesar da história com o Anísio indicar um pouco mais de idade. Animado, disposto, cheio de memórias divertidas, Guto rapidamente se envolveu com o livro e se dispôs a ajudar no que fosse preciso.

A conversa foi a mais rápida até então (cerca de 40 minutos), mas nem por isso menos encantadora e produtiva. A vitalidade de Guto me encheu tanto de energia que voltei pra casa sorrindo.

*

Nosso encontro foi inusitado. Poucos dias antes, consegui, por meio da filha e produtora de Ednardo, Júlia Limaverde, um horário para conversar com o compositor.

Em sua breve visita à cidade natal, nos encontramos no Hotel Holiday Inn, na Praia de Iracema – onde estava hospedado. Um fim de tarde com água de coco e whisky – para ele; eu, que não sou fã da bebida e estava dirigindo, apenas observei. Duas doses, sem gelo.

A conversa fluiu como a água do mar do outro lado da avenida. Memórias, sorrisos, sentimentos que vinham e eu tentava compreendê-los, mesmo que inutilmente. No dia seguinte, Ednardo voltou ao Rio de Janeiro. Pergunto-me se chegou à Cidade Maravilhosa com o Anísio dentro do peito, um pouco mais vivo do que antes.

ONDE ESTÃO HOJE

Airam Maria Maia Holanda formou-se em Direito, na UFC. Faleceu no dia 13 de setembro de 2009, vítima de leucemia.

Alano Aguiar de Freitas Guimarães cursou um ano e meio de arquitetura, mas não concluiu. Dedicou-se às artes plásticas e à música. Atualmente, mora em Fortaleza onde continua pintando, desenhando e compondo.

Alba Paiva mora no Rio de Janeiro, onde trabalha como psicanalista clínica.

Alírio Muniz de Souza é aposentado da Marinha e continua morando no Rio de Janeiro, onde vive há 40 anos.

Ângela (302) Maria da Costa Araújo é formada em Serviço Social, com especialização em Sociologia e Gestão Ambiental, na Unifor. É professora aposentada da Unifor e continua morando em Fortaleza.

Annuzia Maria Pontes Moreira Gósson é mestre em Estatística pela USP. Atualmente, professora aposentada da UFC e trabalha na Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Antonio Carlos Campelo Costa é arquiteto e atual secretário de Cultura e Turismo de Sobral.

Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes é cantor e compositor. Até onde se sabe, está morando no Uruguai.

Antonio José Soares Brandão vive em Fortaleza, onde trabalha como arquiteto. Segundo ele, “às vezes” ainda escreve poesias.

Audísio Muniz de Souza trabalha como almoxarife em Fortaleza.

Augusto (Guto) César Ponte Benevides formou-se em Direito pela UFC e em Comunicação pela Fundação Getúlio Vargas (RJ). Atualmente, é diretor geral da TV Ceará (TVC), em Fortaleza.

Barbosa Coutinho é psicanalista. Reside em Fortaleza, onde integra o Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFOR).

Cláudio Roberto de Abreu Pereira formou-se em Direito, na UFC, e trabalhou como jornalista em diversos veículos. Ajudou a fundar, em 1985, a Fundação de Cultura da Prefeitura de Fortaleza, que geriu até 1998. Faleceu em 2010, aos 66 anos, vítima de infecção generalizada.

Delberg Ponce de Leon formou-se em Arquitetura na UFC. Vive em Fortaleza.

Denise Fernandes é professora aposentada do Departamento de Estatística da UFC. Mora em Fortaleza.

Emilia Augusta Bedê é jornalista. Mora em Fortaleza.

Fausto Nilo Costa Júnior é compositor e arquiteto. Mora em Fortaleza, onde trabalha como arquiteto.

Francis Gomes Vale é cineasta e advogado. Atualmente, dirige o Festival de Jericoacoara Cinema Digital.

Francisco Augusto Pontes formou-se em Filosofia pela UFC e Comunicação na UnB. Foi secretário de Cultura do Estado e presidente da Fundação de Cultura de Fortaleza. Faleceu no dia 15 de maio

de 2009, em consequência de uma hepatite medicamentosa aguda.

Francisco Flávio Torres de Araújo formou-se em Física pela UFC, com mestrado na UnB e doutorado pela Universidade de Oxford, Inglaterra. Foi um dos fundadores e presidentes do PDT no Ceará. Vive em Fortaleza.

Francisco Sérgio Sales Pinheiro é mestre em Artes Plásticas pela Universidade de Paris. Mora em Fortaleza onde continua trabalhando como pintor.

Hipólito Rocha Jr. é pintor e escultor. Sofreu a um Acidente Vascular Cerebral (AVC) há poucos anos, mas está bem. Mora em Fortaleza.

Ieda Estergilda de Abreu é escritora e jornalista cearense, radicada em São Paulo. “Há tanto tempo estou aqui, nesta cidade de todo mundo, acho até que minha cidade de origem também está aqui”, diz.

Isabel Idelzuite Lustosa da Costa é mestre em História e Ciência Política. Vive no Rio de Janeiro onde trabalha como pesquisadora na Fundação Casa de Rui Barbosa.

José Ataliba Sales Pinheiro é formado em Administração. Trabalhou como bancário durante anos. Mora em Fortaleza.

José Ednardo Soares Costa Sousa é cantor e compositor. Continua morando no Rio de Janeiro.

Maria Augusta Pessoa Muniz faleceu 11 anos após a morte do marido, no dia 26 de março de 2010. Já sofria de artrose e osteoporose. Não andava mais, utilizando-se da cadeira de rodas. Mas, apesar da saúde fraca, dona Augusta faleceu dormindo, como pedia em suas

orações. “Quero morrer assim: vou deitar e não acordo”, dizia.

Maria das Graças Muniz e **Maria Nísia Muniz** são funcionárias da área de Educação do Estado e continuam morando juntas na casa do Mucuripe. No andar de baixo, ainda recebem amigos para tomar uma cerveja e comer a biquara – agora, responsabilidade de Graça.

Maria de Fátima Muniz hoje é casada e dona de casa.

Maria Elisete Moraes de Oliveira (Téti) trabalhou 13 anos como produtora musical na Rádio Universitária FM 107,9. Continua morando em Fortaleza.

Maria Zélia Maia Holanda formada em Estatística pela UFC, com especialização. Não concluiu o mestrado na USP. É professora aposentada da UFC. Atualmente, mora em Fortaleza onde trabalha com pesquisa e dá consultorias.

Marisa Barreira é advogada, formada em Direito pela UFC. Mora em Fortaleza.

Martine Suzanne Kunz vive até hoje em Fortaleza. “Até hoje. Até sempre”, ela diz. Foi naturalizada brasileira em 1991. É professora doutora do Departamento de Letras da UFC.

Mércia Pinto é pianista. Mora em Brasília.

Olga Gomes de Paiva é filósofa com estudos aprofundados em Pesquisa Interdisciplinar, em Paris. Foi gestora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), mas atualmente dedica-se à pesquisa.

Pedro Carlos Álvares e Silva é formado em Economia pela UFC. Atualmente, também se dedica à produção cultural, sendo diretor de criação do Arquivo Nirez.

Paulo Sérgio Bessa Linhares foi secretário da Cultura do Ceará de 1993 a 1998. Idealizador e criador do Instituto de Arte e Cultura do Ceará (IACC) e do Centro Dragão do Mar. Atualmente, é presidente de ambos.

Raimundo Fagner Cândido Lopes ingressou no curso de Arquitetura da UFC, mas não o concluiu. Continua trabalhando com música e vive em Fortaleza.

Roberto Aurélio Lustosa Costa é jornalista e técnico do CNPq em Brasília, onde vive. Formado em Comunicação pela UFC e pós-graduado em Antropologia Política e Literatura Comparada na Sorbonne (Paris).

Rodger Franco de Rogério é compositor e cantor. Tem mestrado em Física pela UnB e foi professor da USP. Atualmente, é professor aposentado da UFC

Rogaciano Leite Filho formou-se em Jornalismo pela UFC. Fundou o Grupo Siriará de Literatura. Faleceu no dia 5 de março de 1992, em São Paulo, vítima de aids.

Salvino Petrúcio Mesquita Maia foi um compositor e pianista cearense. Portador do vírus HIV, faleceu em Fortaleza, no dia 6 de maio de 1994.

Maria Francisca Barbosa (Xica) é assistente social. Mora em Fortaleza, onde desenvolve trabalhos voltados a causas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades.** Revista da Faculdade de Letras, UFRJ. Vol. XIV, Porto, 1998.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem.** 1a ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de Velhos.** 1a ed. São Paulo, SP: Editora Companhia das Letras, 1994.

CASTRO, Wagner. **No Tom da Canção Cearense:** do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979). 1a ed. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4^a ed. Barueri, SP: Editora Manole Ltda, 2009.

PIMENTEL, Mary. **Terral dos Sonhos:** o cearense na música popular brasileira. Coleção Teses Cearenses. Fortaleza, CE: Multigraf Editora, 1994.

ROGÉRIO, Pedro. **O Pessoal do Ceará:** referenciais estéticos na música cearense dos anos 70 e sua relação com o currículo escolas na década de 80. Artigo publicado no site Brasileirinho, 2005.
<http://www.brasileirinho.mus.br/artigos/pessoalceara.html>

SOUZA, José Ednardo Costa (organizador). **Massafeira 30 anos.** Som, imagem, movimentos, gente. 1a 2d. Fortaleza, CE: Edições Musicais, 2010.

VIANA, Monalisa Freitas. **Com vista para o mar:** sobre a produção da imagem da Fortaleza vendável (Ceará, Brasil). Artigo publicado na Revista Científica Eletrônica Turismo & Sociedade, Curitiba, abril de 2012.

